



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE BACABAL – CCEL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (PPGLB)

ANA THAYRLA PEREIRA SILVA PIRES AZEVEDO

**A ARBITRARIEDADE E ICONICIDADE NA LÍNGUA BRASILEIRA DE
SINAIS A PARTIR DE VERBOS**

BACABAL

2026

ANA THAYRLA PEREIRA SILVA PIRES AZEVEDO

**A ARBITRARIEDADE E ICONICIDADE NA LÍNGUA BRASILEIRA DE
SINAIS A PARTIR DE VERBOS**

Qualificação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Bacabal da Universidade Federal do Maranhão, UFMA- Centro de Ciências de Bacabal, como requisito obrigatório para o título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Texto e Discurso

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Heloísa Reis Curvelo

BACABAL

2026

ANA THAYRLA PEREIRA SILVA PIRES AZEVEDO

**A ARBITRARIEDADE E ICONICIDADE NA LÍNGUA BRASILEIRA DE
SINAIS A PARTIR DE VERBOS**

Qualificação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Bacabal da Universidade Federal do Maranhão, UFMA- Centro de Ciências de Bacabal, como requisito obrigatório para o título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Texto e Discurso

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Heloísa Reis Curvelo

Aprovada em _____ de _____ de 2026.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Heloísa Reis Curvelo

Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Maranhão-
PPGLB/UFMA/Bacabal

ORIENTADORA

Prof.^a. Dr.^a. Celina Márcia de Souza Abbade

Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, Universidade do Estado da
Bahia – PPGEL/UNEB

Prof.^a. Dr.^a. Maria Nilza Oliveira Quixaba

Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Comunicação – PPGCOMPro/UFMA

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Azevedo, Ana Thayrla Pereira Silva Pires.

A ARBITRARIEDADE E ICONICIDADE NA LÍNGUA BRASILEIRA DE
SINAIS A PARTIR DE VERBOS / Ana Thayrla Pereira Silva
Pires Azevedo. - 2026.

92 p.

Orientador(a): Heloísa Reis Curvelo.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Letras - Bacabal, Universidade Federal do Maranhão,
Bacabal, 2026.

1. Libras. 2. Signo Linguístico. 3. Arbitrariiedade.
4. Iconicidade. I. Reis Curvelo, Heloísa. II. Título.

Dedico este trabalho, primeiramente, a Jesus Cristo, fonte de toda sabedoria e força, que sustenta, orienta e renova cada passo desta caminhada. Ao meu esposo, Ruan Pires Azevedo, pelo amor, incentivo constante e presença firme, essenciais nos momentos de desafio e perseverança. Aos meus pais, Francisco Brandão e Maria Francisca, pelo apoio incondicional, pelas orações e pela confiança que sempre me impulsionaram a seguir adiante. À Prof.^a Dr.^a Heloísa Reis Curvelo, por sua orientação, exemplo acadêmico e humano, e pela contribuição decisiva para minha formação científica. Ao Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal – PPGLB, espaço de aprendizado, crescimento e amadurecimento intelectual, que possibilitou a realização deste estudo. E, de modo especial, à comunidade surda, protagonista e razão maior desta pesquisa, cuja língua, cultura e saberes inspiram este trabalho e reafirmam o compromisso com uma ciência ética, inclusiva e socialmente responsável.

AGRADECIMENTOS

A gratidão é um sentimento que nos impele a refletir sobre o quanto somos abençoados por aqueles que nos elevam a acreditar em nós mesmos. É por eles que a trajetória ganha sentido e propósito. Meu lar são vocês, que nunca me deixaram só neste percurso, oferecendo amparo, cuidado e confiança, inclusive quando eu mesma descreditei. A todos que, de forma silenciosa ou manifesta, compartilharam este caminho e conferiram sentido aos meus passos, dedico meu mais profundo reconhecimento.

A Jesus Cristo, toda honra e toda glória, fonte inesgotável de força, esperança e sustento, cuja presença ilumina e orienta cada decisão e cada instante desta jornada.

Ao meu esposo, Ruan Pires Azevedo, companheiro, motivador e referência, expresso minha sincera gratidão. Sua presença constitui um lugar seguro nas diversas fases desta caminhada, sempre marcada por confiança e ternura. No processo de pesquisa, não foi diferente.

À minha mãe, Maria Francisca, cuja fé inabalável e orações fervorosas me acompanham, insuflando coragem mesmo nos momentos de incerteza; ao meu pai, Francisco Brandão, por seus conselhos sábios, abraços acolhedores e orações silenciosas; às minhas irmãs, Thayna e Thaís, amigas leais e confidentes insubstituíveis; aos meus sobrinhos Tércio, Esther, Bento, Emanuel e à recém-chegada Thaissa, que irradiam alegria e renovam minhas energias; bem como aos meus sogros, Nilton e Sheila, e ao cunhado Renan, cujo apoio constante fortalece minha perseverança, deixo meu sincero agradecimento.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Heloísa Curvelo Reis, manifesto profunda admiração e gratidão. Sua orientação transcende o âmbito acadêmico e alcança o humano. Sua clareza, firmeza e sensibilidade iluminaram cada etapa desta pesquisa, tornando-se faróis seguros na complexidade do percurso científico.

À Prof.^a Dr.^a Claudiane Araújo, cuja orientação na graduação despertou meu interesse pela investigação científica e contribuiu decisivamente para que eu chegasse até este momento, deixo meu sincero reconhecimento.

Às colegas de jornada na pós-graduação, Fabiana, Leidyane e Cristiane, por compartilharem dúvidas, anseios, vitórias e aprendizados, agradeço pela cumplicidade e pelo apoio mútuo, que tornaram a trajetória mais leve, agradável e enriquecedora.

Ao PPGLB – Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal, pelo acolhimento, pela organização e pelas oportunidades proporcionadas ao longo desta trajetória acadêmica, manifesto minha profunda gratidão.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio concedido por meio da bolsa de mestrado, fundamental para a realização desta pesquisa e para a dedicação integral às atividades acadêmicas, expresso meu sincero agradecimento.

À Prof.^a Dr.^a Manuela Viana, cujas valiosas contribuições no Seminário I foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa, deixo meu sincero agradecimento.

À banca examinadora, Prof.^a Dr.^a Celina Abbade e Prof.^a Dr.^a Nilza Quixaba, manifesto minha profunda gratidão. A presença de ambas na qualificação e, agora, na defesa representa continuidade, cuidado e incentivo ao longo desta trajetória. É uma imensa honra contar com suas contribuições, tanto na academia quanto na sociedade.

À comunidade surda, razão maior deste estudo, meu respeito e profunda gratidão. A convivência, a partilha de saberes e a experiência viva com a Língua Brasileira de Sinais constituíram-se como fonte essencial de aprendizado, inspiração e compromisso ético. Aos surdos, verdadeiros protagonistas desta pesquisa, agradeço pela confiança, pelas trocas significativas e por contribuírem, de forma decisiva, para a ampliação do meu olhar acadêmico e humano.

A todos que, de algum modo, acreditaram e acreditam no poder da pesquisa, deixo meu profundo agradecimento. Cada sinal, palavra e presença deixou marcas indeléveis em minha trajetória. Somos, de fato, moldados pelos encontros que nos transformam.

Obrigada!

“No princípio era o Verbo.”
(João 1:1)

RESUMO

Este trabalho foi motivado pela percepção de uma das complexidades linguísticas presentes na Língua Brasileira de Sinais (Libras): o equilíbrio entre sinais arbitrários e icônicos em sua gramática. A pesquisa busca responder à seguinte questão: como os fenômenos da arbitrariedade e da iconicidade do signo linguístico se manifestam na Língua Brasileira de Sinais, especialmente no domínio dos verbos? O objetivo geral deste trabalho é compreender de que maneira esses fenômenos coexistem e atuam na constituição dos signos linguísticos da Libras, evidenciando a flexibilidade estrutural e a riqueza expressiva dessa língua de modalidade visual-espacial. Para tanto, estabelecem-se dois objetivos específicos: discutir os fundamentos linguísticos que sustentam os conceitos de arbitrariedade e iconicidade na Libras, e evidenciar, por meio de exemplos, especialmente na esfera dos sinais verbais, as manifestações desses fenômenos no uso real da língua. A pesquisa adota uma abordagem bibliográfica, descritiva e qualitativa, fundamentada em autores como Gesser (2009), Quadros (2004), Capovilla (2017), Carmozine (2012), Brito (1995), Frizanco e Honora (2021), no campo dos estudos da Libras, e em Saussure (2012), Benveniste (1991), Fiorin (2003), Bagno (2014) e Martelotta (2020) que oferecem suporte teórico sobre o signo linguístico e a arbitrariedade na linguagem. O estudo contribui para o aprofundamento das investigações linguísticas sobre a Libras e amplia a compreensão da coexistência entre signos arbitrários e icônicos, enfatizando a natureza “livre” dessa língua enquanto sistema visual e gestual, dotado de complexidade, criatividade e autonomia expressiva.

Palavras-chave: Libras; Signo Linguístico; Arbitrariedade; Iconicidade.

ABSTRACT

This study was motivated by the perception of one of the linguistic complexities present in Brazilian Sign Language (Libras): the balance between arbitrary and iconic signs within its grammar. The research seeks to answer the following question: how do the phenomena of arbitrariness and iconicity of the linguistic sign manifest in Brazilian Sign Language, especially in the domain of verbs? The general objective of this study is to understand how these phenomena coexist and operate in the constitution of linguistic signs in Libras, highlighting the structural flexibility and expressive richness of this visual-spatial language. To this end, two specific objectives are established: to discuss the linguistic foundations that support the concepts of arbitrariness and iconicity in Libras, and to demonstrate, through examples—particularly within the sphere of verbal signs the manifestations of these phenomena in actual language use. The research adopts a bibliographic, descriptive, and qualitative approach, grounded in authors such as Gesser (2009), Quadros (2004), Capovilla (2017), Carmozine (2012), Brito (1995), and Frizanco and Honora (2021), in the field of Libras studies, as well as Saussure (2012), Benveniste (1991), Fiorin (2003), Bagno (2014), and Martelotta (2020), who provide theoretical support regarding the linguistic sign and arbitrariness in language. This study contributes to the deepening of linguistic investigations into Libras and broadens the understanding of the coexistence between arbitrary and iconic signs, emphasizing the “free” nature of this language as a visual and gestural system endowed with complexity, creativity, and expressive autonomy.

Keywords: Libras; Linguistic Sign; Arbitrariness; Iconicity.

LISTA DE SIGLAS

CM – Configuração de mão

PA – Ponto de articulação

M – Movimento

O/D – Orientação/Direcionalidade

ENM – Expressão não Manual

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Circuito da fala.....	19
Figura 2 - Circuito de fala sinalizada (Língua de Sinais).....	19
Figura 3 - Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1, 2 e 3.....	25
Figura 4 - Sinal e descrição de “desculpe” do Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol.1.....	26
Figura 5 - Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, de Capovilla (2017).....	26
Figura 6 - Sinal e descrição de bola do Dicionário da Língua de Sinais do Brasil.....	27
Figura 7 - Alfabeto manual.....	29
Figura 8 - Sinal de <i>Mãe</i> – em Libras.....	30
Figura 9 - Sinal de <i>Mãe</i> – em ASL.....	31
Figura 10 - Tabela de configuração de mão (CM) com 64 formas do Dicionário da Libras, versão 2.0.....	32
Figura 11 - Tabela de configuração de mão (CM) com 61 formas do LSB Vídeo, 2008..	33
Figura 12 - Tabela de configuração de mãos (CMs) com 79 formas do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), instituição de referência na educação de surdos no Brasil.....	34
Figura 13 - Ilustração dos pontos de articulação.....	35
Figura 14 - Sinal de <i>Encontrar</i>	35
Figura 15 - Sinal de <i>Brincar</i>	36
Figura 16 - Sinal de <i>Esconder</i>	36
Figura 17 - Sinal de <i>Feliz/felicidade</i>	36
Figura 18 - Sinal de <i>Chorar</i>	37
Figura 19 - Sinal de <i>Alto</i>	37
Figura 20 - Sinal de <i>Alto</i>	38
Figura 21 - Expressões faciais.....	38

Figura 22 - Ilustração dos parâmetros.....	39
Figura 23 - Configuração de pessoa andando/caminhando.....	41
Figura 24 - Configuração de galinha andando.....	41
Figura 25 - Sinal de <i>Beber cachaça</i>	42
Figura 26 - Sinal de <i>Beber na garrafa</i>	42
Figura 27 - Sinal de <i>Beber no copo</i>	42
Figura 28 - Sinal de <i>Verde</i> – usado no Maranhão (MA) e Rio de Janeiro (RJ).....	44
Figura 29 - Sinal de <i>Verde</i> – usado em São Paulo (SP).....	45
Figura 30 - Sinal de <i>Boi</i>	46
Figura 31 - Sinal de <i>Evitar</i>	46
Figura 32 - Sinal de <i>Primo</i>	47
Figura 33 - Sinal de <i>Conhecer</i>	47
Figura 34 - Sinal de <i>Legal</i>	47
Figura 35 - Sinal de <i>Conversar</i>	47
Figura 36 - Sinal de <i>Sempre</i>	47
Figura 37 - Sinal de <i>Fazer</i>	47
Figura 38 - Sinal de <i>Árvore</i>	50
Figura 39 - Sinal de <i>Borboleta</i>	50
Figura 40 - Sinal de <i>Casa</i>	51
Figura 41 - Sinal de <i>Telefone</i>	51
Figura 42 - Print da página da ferramenta de edição “removebr”.....	55
Figura 43 - Print da página da ferramenta de edição “removebr”.....	56

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Representação da equivalência do signo linguístico na Libras.....	23
Tabela 2 – Parâmetros linguísticos da Libras.....	28
Tabela 3 – Verbos da análise.....	53

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 LINGUAGEM, LÍNGUA E O SIGNO LINGUÍSTICO.....	18
1.1 Linguagem e língua.....	18
1.2 A linguística e o signo linguístico na Libras	23
2 A LIBRAS E A IDENTIDADE SURDA: conceitos fundamentais	26
2.1 Parâmetros Linguísticos da Libras	30
I. Configuração de mão:.....	34
II. Ponto de Articulação (PA):.....	37
III. Movimento (M):	38
IV. Orientação (O)/Direcionalidade (D):	40
V. Expressão facial/corporal ou Expressão não-manual (ENM):.....	41
2.2 Classificadores e incorporação.....	43
3 A ARBITRARIEDADE NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS.....	47
4 A ICONICIDADE NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS.....	53
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	58
6 ARBITRARIEDADE E ICONICIDADE EM VERBOS DA LIBRAS	63
6.1 Verbos com predominância arbitrária	64
6.2 Verbos com predominância icônica	78
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS	91

INTRODUÇÃO

O interesse que motivou a realização desta pesquisa tem origem em uma experiência pessoal que marcou significativamente minha trajetória acadêmica e profissional. O primeiro contato com a Língua Brasileira de Sinais (Libras) ocorreu ainda no ensino médio, a partir do ingresso de uma aluna surda na escola, acompanhada por intérpretes. Embora pertencêssemos a turmas distintas, sua presença despertou em mim uma curiosidade genuína em relação àquela forma de comunicação visual até então desconhecida. À semelhança do que ocorre com muitos ouvintes, compreendia-se, naquele momento, a comunicação das pessoas surdas como restrita a mímicas ou gestos espontâneos, sem o reconhecimento de que se tratava de uma língua legítima, dotada de estrutura e regras próprias.

Com o intuito de aproximar a comunidade escolar dessa realidade, professoras e intérpretes organizaram uma disciplina eletiva de Libras voltada aos estudantes interessados. Foi nesse contexto que tive o primeiro contato formal com a língua de sinais e com a cultura surda, experiência que transformou profundamente minha percepção sobre linguagem, inclusão e diversidade linguística. A partir desse momento, a Libras passou a integrar meu cotidiano, seja por meio da convivência com pessoas surdas em espaços comunitários e religiosos, seja pela participação em cursos e eventos voltados ao aprendizado da língua. Embora o processo comunicativo se configurasse como um desafio constante, tornou-se também o principal motor para o aprofundamento contínuo nessa área de estudos.

Essa trajetória culminou na escolha pela Licenciatura em Letras-Libras, na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), formação que possibilitou uma compreensão mais ampla e teoricamente fundamentada da complexidade linguística da Libras. Ao longo da graduação, tornou-se evidente que se trata de uma língua viva, dinâmica e visual, cuja estrutura se constrói na interação entre seus usuários e se manifesta por meio de sinais que apresentam diferentes graus de arbitrariedade e iconicidade. Essa constatação fundamenta a escolha do tema desta dissertação, intitulada *A arbitrariedade e a iconicidade na Língua Brasileira de Sinais a partir de verbos*, que reflete tanto minha trajetória de aprendizagem quanto o interesse em contribuir para o aprofundamento dos estudos linguísticos sobre a Libras.

As motivações que sustentam este trabalho relacionam-se à necessidade de analisar as particularidades linguísticas da Libras, com ênfase em sua modalidade visual-

espacial e em sua estrutura gramatical própria, características que a definem como uma língua natural, legítima e complexa. Embora reconhecida legalmente como língua da comunidade surda brasileira por meio da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, a Libras ainda é alvo de debates acadêmicos e sociais, sobretudo no que se refere à compreensão dos mecanismos que regem a constituição e a motivação de seus signos linguísticos.

Nesse sentido, investigar como se articulam a arbitrariedade e a iconicidade na Libras constitui um caminho relevante para compreender sua natureza linguística, superando concepções reducionistas que a descrevem como uma forma de comunicação meramente gestual ou mimética. Tal investigação contribui, ainda, para o fortalecimento do reconhecimento científico da Libras como língua plena, autônoma e dotada de complexidade comparável à das línguas orais.

Diante desse panorama, a presente pesquisa busca responder à seguinte questão: como os fenômenos da arbitrariedade e da iconicidade do signo linguístico se manifestam na Língua Brasileira de Sinais, especialmente no domínio dos verbos? A partir dessa indagação, estabelece-se como objetivo geral compreender de que maneira esses fenômenos coexistem e atuam na constituição dos signos linguísticos da Libras, evidenciando a flexibilidade estrutural e a riqueza expressiva dessa língua de modalidade visual-espacial.

Como objetivos específicos, propõe-se: (i) discutir os fundamentos teóricos que sustentam os conceitos de arbitrariedade e iconicidade no campo da Linguística; (ii) analisar a manifestação desses fenômenos na Libras, com foco na categoria gramatical dos verbos; (iii) evidenciar, por meio de exemplos, como arbitrariedade e iconicidade coexistem e se complementam na estrutura visual e espacial da língua; e (iv) refletir sobre as implicações dessa coexistência para o estatuto linguístico e científico da Libras.

Para alcançar tais objetivos, adotou-se uma abordagem bibliográfica, descritiva e qualitativa, fundamentada em autores clássicos da Linguística, como Saussure (2012), Benveniste (1991), Fiorin (2003) e Martelotta (2020), bem como em pesquisadores de referência no campo da Libras, entre os quais se destacam Quadros (2004), Gesser (2009) e Capovilla (2017). A pesquisa articula a análise teórica do signo linguístico com a observação descritiva de sinais verbais da Libras, possibilitando compreender como princípios tradicionalmente associados às línguas orais se manifestam em uma língua de modalidade visual-espacial.

A dissertação está organizada em capítulos que conduzem progressivamente o leitor à compreensão do tema. Inicialmente, discutem-se os conceitos de linguagem,

língua e signo linguístico. Em seguida, abordam-se aspectos fundamentais da Libras, incluindo seus parâmetros linguísticos, classificadores e processos de incorporação. Na sequência, analisam-se os fenômenos da arbitrariedade e da iconicidade na Língua Brasileira de Sinais. Posteriormente, apresentam-se os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa e a análise dos dados, com foco nos verbos selecionados. Por fim, as considerações finais sintetizam os principais resultados e apontam possibilidades para investigações futuras.

Assim, este trabalho busca evidenciar que a Libras se configura como uma língua na qual arbitrariedade e iconicidade coexistem de maneira dinâmica, compondo um sistema linguístico de elevada complexidade expressiva. Ao fazê-lo, pretende-se contribuir para o fortalecimento dos estudos linguísticos sobre a Libras e para a ampliação de sua legitimidade científica no campo da Linguística contemporânea.

1 LINGUAGEM, LÍNGUA E O SIGNO LINGUÍSTICO

Esta seção tem por objetivo discutir os conceitos teóricos fundamentais que sustentam a discussão proposta nesta pesquisa, partindo das noções basilares de linguagem, língua e signo linguístico. Tais conceitos estão intimamente relacionados ao objeto de estudo, a Língua Brasileira de Sinais (Libras), e constituem o alicerce para compreender sua estrutura, funcionamento e natureza enquanto língua de modalidade visual-espacial. Para favorecer uma compreensão clara e sistemática, esses conceitos serão abordados em subseções específicas, de modo a evidenciar suas distinções, características e inter-relações no âmbito dos estudos linguísticos.

1.1 Linguagem e língua

A linguagem não está necessariamente vinculada a um sistema de regras gramaticais formais. Trata-se de um conceito mais amplo, que abarca múltiplos significados, pois não se restringe a um único modo de expressão. Seu propósito principal é a produção de sentido, o que pode ocorrer por meio de diversos recursos simbólicos, como sinais, signos, símbolos, ícones, gestos, imagens e outros elementos semióticos.

Nesse sentido, Saussure (2012) observa:

Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade.” (Saussure, 2012, p. 41)

Essa visão ressalta a diversidade e a complexidade da linguagem, que se manifesta de forma plural e dinâmica, sem um padrão fixo ou limitado. Além disso, a linguagem está sempre viva, presente em diferentes contextos e períodos da vida. Ao abordar a dimensão temporal da linguagem, Saussure (2012) acrescenta:

A cada instante, a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do passado. Parece fácil à primeira vista distinguir entre esses sistemas e sua história, entre aquilo que ela é e o que foi. Na realidade, a relação que une ambas as coisas é tão íntima que é difícil separá-las. (Saussure, 2012, p. 40)

Essa indissociabilidade entre passado e presente revela que o sistema atual da linguagem carrega marcas históricas enquanto se mantém em constante transformação. Nesse contexto, Saussure (2012, p. 40) reforça que “a linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro”, destacando a interdependência entre a experiência coletiva e a atuação do sujeito na constituição da linguagem.

Para complementar essa perspectiva, Bagno (2014) apresenta definições que ampliam a compreensão do conceito de linguagem:

1. Linguagem como “faculdade cognitiva da espécie humana que permite a cada indivíduo representar/expressar simbolicamente sua experiência de vida, assim como adquirir, processar, produzir e transmitir conhecimento.”
2. Linguagem como “todo e qualquer sistema de signos empregados pelos seres humanos na produção de sentido, isto é, para expressar sua faculdade de representação da experiência/conhecimento.” (Bagno, 2014, p. 58 e 59)

Essas definições evidenciam que a linguagem é uma capacidade essencial do ser humano para representar simbolicamente o mundo, seja por meio da palavra, da imagem, do som ou do gesto. Essa multifacetada natureza simbólica distingue a linguagem da língua, que corresponde a um sistema linguístico específico, regulado por normas e convenções.

Nesse sentido, a linguagem manifesta-se de forma verbal ou não verbal, e essa versatilidade é uma das suas características mais marcantes. A linguagem verbal expressa-se oralmente, por escrito ou por sinais, como na Língua Brasileira de Sinais (Libras), utilizada pelas comunidades surdas. Por outro lado, a linguagem não verbal abrange outros recursos expressivos, tais como gestos, expressões faciais, imagens, sons e elementos visuais, que igualmente produzem sentido.

Com relação às funções da linguagem, Martelotta (2020) destaca as seis funções segundo Jakobson:

1. Função referencial: transmissão de informações do remetente ao destinatário.
2. Função emotiva: exteriorização da emoção do remetente, perceptível na mensagem.
3. Função conativa: influência sobre o comportamento do destinatário.
4. Função fática: estabelecimento, manutenção ou encerramento do contato comunicativo.
5. Função metalinguística: uso da linguagem para falar da própria linguagem.
6. Função poética: foco na forma e na combinação dos elementos linguísticos. (Martelotta, 2020, p. 33 e 34)

Vale ressaltar, o que Martelotta (2020) também esclarece sobre o processo verbal, que ele envolve dois tipos básicos de arranjos: seleção e combinação, selecionar as palavras adequadas e combiná-las para que a mensagem faça sentido.

Com isso, compreende-se que a linguagem constitui uma capacidade humana ampla, plural e dinâmica, responsável por possibilitar a comunicação e a expressão de sentidos nas interações sociais. Contudo, para que essa capacidade comunicativa alcance eficácia e inteligibilidade no meio social, torna-se necessária a existência de um sistema estruturado de regras e convenções compartilhadas.

É nesse contexto que se insere o conceito de língua, entendida como um sistema socialmente constituído que organiza e materializa a linguagem. Assim, a língua configura-se como o ponto de partida fundamental para o estudo da linguagem, pois é por meio dela que o potencial comunicativo humano se concretiza de forma coletiva e compreensível. Conforme Saussure (2012, p. 42), a língua é um fenômeno social que se realiza plenamente apenas na coletividade, uma vez que depende do compartilhamento de signos e regras entre os membros de uma comunidade linguística.

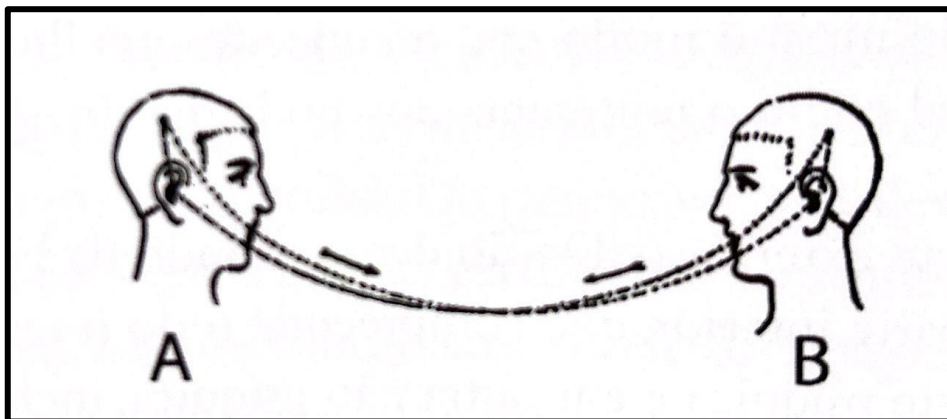
A língua manifesta-se por meio da fala ou da sinalização, configurando aquilo que Saussure denomina “circuito completo”, o qual exige, no mínimo, a interação entre dois sujeitos. Desse modo, a língua constitui um sistema normativo, responsável por organizar e padronizar as formas de expressão dentro de uma comunidade, permitindo que a linguagem cumpra sua função social de maneira compartilhada e inteligível.

Esse circuito tem início no cérebro, onde os conceitos são formulados e associados à imagem do signo linguístico, seja ela acústica ou visual. Em seguida, esses signos são exteriorizados por meio da fala, no caso das línguas orais, ou da sinalização, no caso das línguas de sinais, conforme o meio linguístico empregado.

O processo se completa com a recepção da mensagem pelo interlocutor. Sob a perspectiva psíquica, ocorre o processamento mental do signo; sob a perspectiva fisiológica, o estímulo sonoro é captado pelo ouvido e conduzido ao cérebro. No caso da surdez, essa percepção ocorre predominantemente pela via visual, por meio da língua de sinais, igualmente interpretada pelo cérebro. Em ambas as situações, são mobilizadas faculdades mentais para a construção do significado e a interpretação do conceito correspondente.

Saussure ilustra esse processo comunicativo ao descrever o circuito entre os indivíduos A e B, evidenciando que, embora a linguagem seja uma capacidade humana geral, é a língua, enquanto sistema socialmente compartilhado, que possibilita a comunicação intersubjetiva.

Figura 1 - Circuito da fala.

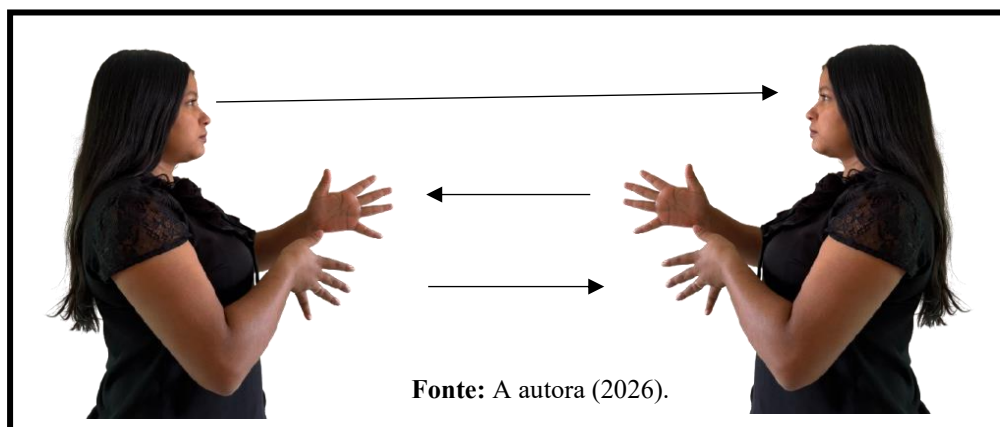


Fonte: Saussure, 2012, pág. 43.

Diante da ilustração proposta por Saussure, entendemos que o processo da língua tem seu início no cérebro, onde se formam os conceitos ou a imagem acústica do signo linguístico, caracterizando um fenômeno psíquico. Posteriormente, esses conceitos são oralizados por meio do aparelho fonador (especialmente a boca) e transmitidos ao interlocutor. Este, por sua vez, capta a informação pelo ouvido e, após o estímulo fisiológico, processa e armazena o conteúdo na mente, possibilitando a compreensão da mensagem. Esse circuito permanece ativo enquanto a troca linguística entre interlocutores se mantém.

Agora, vejamos como esse mesmo processo se manifesta entre pessoas surdas, dentro de um circuito que continua sendo psíquico, mas que exige adaptações fisiológicas específicas. Proponho uma interpretação do modelo saussuriano aplicada à experiência linguística das pessoas surdas, levando em conta as particularidades perceptivas e expressivas da comunicação por meio da língua de sinais:

Figura 2 - Circuito de fala sinalizada (Língua de Sinais).



O processo da língua também começa na mente e se consolida na sinalização, que é observada pelo receptor através dos olhos, e compreendida mentalmente, repetindo-se assim o circuito comunicativo.

Assim, a língua se configura como um fenômeno essencialmente social, pois, como afirma Saussure, ela só existe na coletividade (Saussure, 2012, p. 51). Em síntese, o autor define e distingue a língua da seguinte maneira:

Para nós, ela não se confunde com a linguagem, é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e

heteróclita[...]

A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação. [...] [...] A língua é uma convenção e a natureza do signo convencional é indiferente.”

(Saussure, 2012, p. 41 e 42)

Importa salientar que a língua está presente em todas as esferas da vida social, o que justifica sua perenidade ao longo das gerações e sua constante transformação. Sua trajetória acompanha grandes marcos históricos e mantém profunda relação com diversas instituições sociais, refletindo e sendo refletida pela história política desde os tempos mais remotos. Nesse sentido, Saussure destaca que a língua, em grande medida, constitui a Nação (Saussure, 2012).

O autor enfatiza momentos históricos em que a língua esteve diretamente associada a transformações políticas e sociais, como a conquista romana, a colonização e outros eventos de relevância. Além disso, salienta a presença da língua em diferentes espaços institucionais, como igrejas, escolas e demais organizações sociais, sublinhando seu papel estruturante na sociedade.

Essas características demonstram que a língua é também um fenômeno geográfico, estando intimamente vinculada ao espaço social e cultural onde se desenvolve. Assim, compreende-se que, à semelhança da sociedade, a língua evolui e se transforma, sendo um sistema convencional, vivo e natural.

Nessa perspectiva, Martelotta (2020) contribui ao afirmar que:

Desse modo, podemos dizer que as línguas variam e mudam ao sabor dos fenômenos de natureza sociocultural que caracterizam a vida na sociedade. Variam pela vontade que os indivíduos ou os grupos têm de se identificar, por meio da linguagem, e mudam em função da necessidade de se buscar novas expressões para designar novos objetos, novos conceitos ou formas de relação social. (Martelotta, 2020, p. 19)

Bagno oferece uma conceituação que parte de um enfoque específico: a língua como fenômeno sociocognitivo. Nesse sentido, ele defende que a língua reside no cérebro do indivíduo, porém seu pleno desenvolvimento depende da interação social. A partir disso, o autor apresenta sua definição enumerativa:

1. Uma língua é um conjunto de representações simbólicas do mundo físico e mental que é compartilhado pelos membros de uma dada comunidade humana como recurso comunicativo;
2. Serve para a interação e integração sociocultural dos membros dessa comunidade;
3. Organiza-se fonomorfofossintaticamente (sons + palavras + frases) segundo convenções firmadas ao longo da história dessa comunidade;
4. Evolui com os desenvolvimentos cognitivos e culturais dessa comunidade, sendo, portanto, sempre variável e mutante, um processo nunca acabado;

5. Manifesta-se concretamente por meio de um repertório limitado de sons emitidos pelo aparelho fonador de cada indivíduo. (Bagno, 2014, p. 22)

Assim, compreende-se a língua como uma forma de comunicação exclusivamente humana, fundada na capacidade cognitiva de representar o mundo físico e mental por meio de um sistema compartilhado em uma comunidade. Esse sistema se desenvolve e aperfeiçoa por meio das interações sociais e culturais, configurando-se, portanto, como um fenômeno histórico, variável e em constante transformação.

1.2 A linguística e o signo linguístico na Libras

A Linguística é a área do conhecimento que se dedica ao estudo científico da linguagem humana. Segundo Martelotta (2020, p. 21), “a Linguística realiza duas tarefas principais: estudo das línguas a fim de produzir descrições adequadas e o estudo das línguas para obter informações sobre a natureza da linguagem de um modo geral.” Assim, seu objetivo é compreender os princípios que regem essa capacidade exclusivamente humana de expressão, manifestada por meio das diferentes línguas, sejam elas orais, escritas ou gestuais.

A linguagem, como visto na seção anterior, pode ser compreendida em dois sentidos. Primeiramente, refere-se à capacidade de produzir comunicação, como a linguagem das artes, a linguagem corporal, a linguagem escrita, a linguagem dos animais, a linguagem verbal e não verbal, entre outras. Sendo assim, o termo “linguagem” refere-se às línguas naturais, instrumento de comunicação constituído por um sistema de signos vocais (Dubois, 2014, p. 360). Embora já mencionado, cabe salientar que os linguistas, em geral, definem a diferença entre linguagem e língua: tanto animais quanto seres humanos possuem linguagem, porém é exclusivo do ser humano o uso da língua estruturada.

O linguista não é necessariamente um exímio detentor de todo saber de uma língua, tampouco obrigatoriamente um poliglota, mas é o estudioso que se detém em analisar os aspectos universais humanos refletidos em cada língua e o seu uso como instrumento de comunicação. Embora compreenda-se que os linguistas se detenham aos estudos da linguagem e estudem como as línguas naturais se estruturam e funcionam, eles não se restringem à estrutura individual de cada uma delas, mas aos processos que estão como base da sua utilização, com interesse geral em seu campo.

A Linguística considera que não há uma língua pior ou melhor que a outra, visto que “todo sistema linguístico é capaz de expressar adequadamente a cultura do povo que

a fala” (Martelotta, 2020, p. 20). Assim, a Libras, sendo uma língua “jovem”, legitimada há 22 anos e pertencente à modalidade espaço-visual, diferindo-se da modalidade oral-auditiva, não é, nem torna-se, inferior à Língua Portuguesa, à Língua Francesa, à Língua Inglesa ou a qualquer outra língua. Pelo contrário, pode ser vista e analisada como todas elas.

Além disso, a Linguística respeita qualquer variação apresentada em uma língua, independente do fator extralinguístico envolvido, grupo social, região, gênero ou idade, pois é comum e natural que toda língua manifeste variações linguísticas. E a Libras, nesse contexto, não poderia ser diferente. Contém palavras que possuem mais de um sinal para realizar a sua equivalência na língua de sinais. A variação evidencia uma língua viva, que está em constante mudança e transformação.

Diante das evidências a respeito da Linguística, Martelotta (2020, p. 21) conclui que:

A linguística tem como objeto de estudo a linguagem humana através da observação de sua manifestação oral ou escrita (ou gestual no caso da língua de sinais). Seu objetivo final é depreender os princípios fundamentais que regem essa capacidade exclusivamente humana de expressão por meio de línguas. (Martelotta, 2020, p. 21)

Aqui, é possível perceber a inclusão da Libras como parte integrante dos estudos linguísticos, visto que é uma linguagem humana utilizada por uma comunidade discursiva específica, a comunidade surda.

Diante disso, busca-se compreender o conceito de signo linguístico dentro da Linguística. A sua natureza está ligada à associação de dois fatores que formam sua ideia, em que Ferdinand de Saussure (2012, p. 107) denomina o signo como a combinação do conceito e da imagem acústica. O signo linguístico de Ferdinand Saussure é constituído por um significante (imagem acústica) e um significado (conceito).

Nas línguas de sinais, não há som, portanto, não há imagem acústica que se refira ao som da palavra. Contudo, há um equivalente funcional: a imagem visual-motora.

Exemplificando o signo na Libras, ele ocorre da seguinte forma: quando o indivíduo surdo pensa no sinal “CASA”, recorda visual e corporalmente, com os parâmetros que esse sinal exige. Essa representação mental é o que equivale à imagem acústica nas línguas orais.

Tabela 1 - Representação da equivalência do signo linguístico na Libras

SIGNO DE SAUSSURE	EQUIVALENTE EM LIBRAS
Significante	Sinal: Imagem gestual- visual (não sonora)
Acústica Imagem	Imagem visual (representação mental do sinal)
Significado	Conceito (igual ao das línguas orais)
Signo linguístico	União do sinal visual e o seu conceito

Fonte: A autora (2026).

Compreender o signo linguístico como uma unidade indissociável entre forma e sentido, seja por meio da imagem acústica nas línguas orais ou da imagem visuo-espacial nas línguas de sinais, é essencial para uma abordagem ampla e inclusiva da linguagem humana. A Linguística, ao reconhecer as múltiplas manifestações do significante, evidencia que o princípio de arbitrariedade permanece, mesmo quando os canais expressivos são distintos. Assim, reafirma-se que, tanto nas línguas orais quanto nas línguas de sinais, o signo é uma construção simbólica fundamental para a produção de sentido e para a interação entre os sujeitos em sociedade.

2 A LIBRAS E A IDENTIDADE SURDA: conceitos fundamentais

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é reconhecida como uma língua plena e complexa, e não como um simples conjunto de gestos, mímicas ou expressões corporais. Assim como qualquer outra língua natural, apresenta uma estrutura gramatical própria, composta por níveis fonológicos, morfossintáticos, semânticos e pragmáticos, que sustentam sua organização interna e garantem sua legitimidade como sistema linguístico. Conforme explica Carmozine (2012), a Libras reúne todos os componentes característicos das línguas orais, preenchendo os requisitos científicos que permitem reconhecê-la como uma língua viva, autônoma e independente.

A Libras possui vários níveis de abordagens linguísticas, tais como: fonológico, morfossintático, semântico [...] e pragmático. Composta por todos os componentes relacionados às línguas orais, preenche todos os requisitos científicos para ser considerada uma língua, sendo reconhecida pela linguística como uma língua viva e independente. (Carmozine, 2012, p. 50)

Esse reconhecimento científico e social da Libras é fundamental para a compreensão de sua complexidade estrutural e dos fenômenos linguísticos que nela se manifestam, entre os quais se destacam a arbitrariedade e a iconicidade, aspectos centrais do presente estudo. Entender a Libras como uma língua plena implica reconhecer que sua estrutura não depende do português e que sua lógica comunicativa é visual-espacial, refletindo a experiência e a cultura da comunidade surda que a utiliza e a mantém viva.

A valorização da Libras está intrinsecamente ligada à compreensão do sujeito surdo. A partir de uma perspectiva sociocultural, o surdo não é compreendido como portador de uma deficiência, mas como alguém que vivencia o mundo a partir de uma diferença linguística e sensorial. Carmozine (2012) enfatiza que as pessoas surdas não se percebem como doentes ou necessitadas de cura, mas como indivíduos que pertencem a uma comunidade cultural e linguística própria, que deve ser reconhecida e respeitada:

As pessoas desse grupo não identificam a surdez como uma deficiência, ou seja, uma patologia específica, e sim como uma diferença. Sendo assim, não necessitam de um tratamento para a cura, e sim de serem compreendidos e respeitados por suas distinções, devendo ser vistos por uma perspectiva sociocultural e não médica. O surdo difere do ouvinte não apenas pela audição, mas por desenvolver características psicossocioculturais próprias. (Carmozine, 2012, p. 33)

O sujeito surdo, portanto, diferencia-se do ouvinte não apenas pela ausência de audição, mas por desenvolver características psicossociais e culturais próprias, relacionadas à experiência visual e à forma como interage com o mundo. Strobel (2013) amplia essa visão ao tratar dos artefatos culturais do povo surdo, que englobam não

apenas produções materiais, mas também aspectos simbólicos da cultura: a experiência visual, o desenvolvimento linguístico, a literatura surda, a vida social e esportiva, as artes, a política e os valores compartilhados na comunidade.

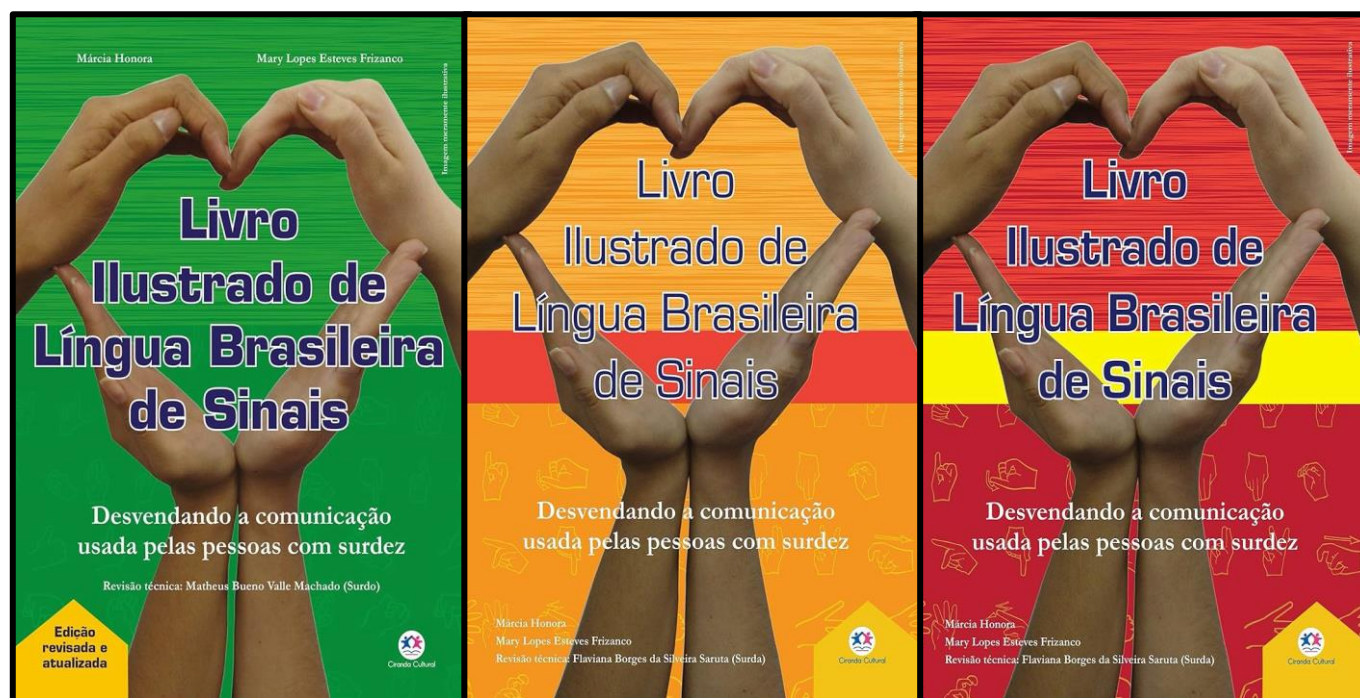
A maioria dos sujeitos está habituada a apelidar de ‘artefatos’ os objetos ou materiais produzidos pelos grupos culturais; de fato, não são só formas individuais de cultura material, ou produtos definidos da mão de obra humana; também se pode incluir tudo o que se vê e sente quando se está em contato com a cultura de uma comunidade, como materiais, vestuário, maneira pela qual um sujeito se dirige a outro, tradições, valores e normas, etc. O conceito de ‘artefatos’ não se refere apenas a materialismos culturais, mas àquilo que na cultura constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo. (Strobel, 2013, p. 43–44)

Nessa perspectiva, os materiais linguísticos voltados ao ensino da Libras podem ser compreendidos como artefatos culturais, pois representam não apenas instrumentos pedagógicos, mas também registros da cultura e do conhecimento da comunidade surda. Ao documentar, descrever e difundir os sinais utilizados na comunicação cotidiana, esses materiais contribuem para a valorização e a manutenção da língua e da identidade surda.

Com base nessa compreensão, os materiais didáticos analisados nesta pesquisa foram escolhidos por sua relevância e ampla utilização em contextos educacionais e acadêmicos, formando o corpus desta investigação, voltada à análise de sinais da categoria gramatical dos verbos, devido à expressiva variação entre sinais de natureza arbitrária e icônica. As obras selecionadas foram o *Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais* (Frizanco e Honora, 2021) e o *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos* (Capovilla, 2017).

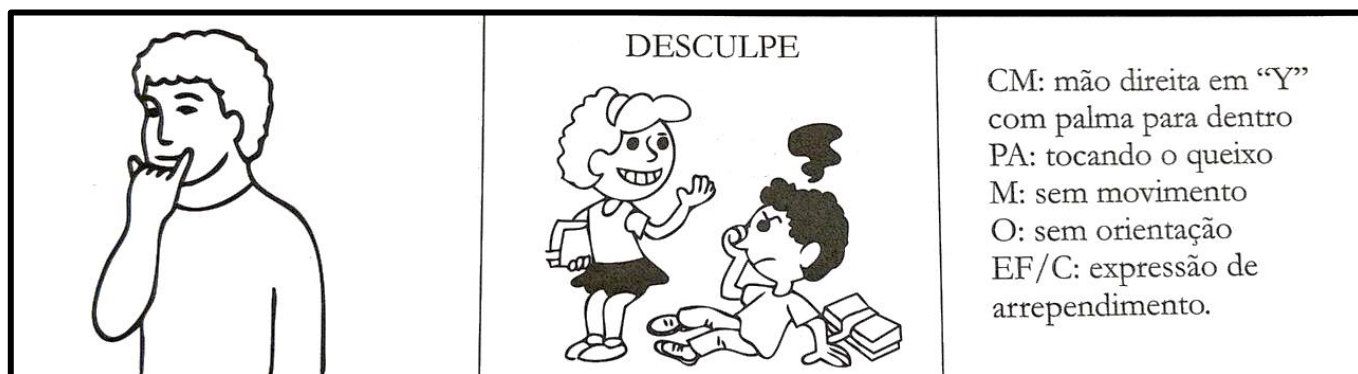
Entre os diversos materiais disponíveis para o ensino de Libras, essas duas obras se destacam por sua relevância acadêmica e ampla circulação nacional. O *Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais* foi concebido com o objetivo de reduzir as barreiras comunicativas entre surdos e ouvintes, oferecendo um material acessível e de fácil compreensão. A obra apresenta cada vocábulo em língua portuguesa, acompanhado da imagem do referente (objeto ou ação), da imagem do sinal em Libras e de uma descrição textual que detalha os parâmetros que constituem o sinal. Organizado por vocabulários e em ordem alfabética, o livro favorece o aprendizado tanto de leigos quanto de profissionais de diferentes áreas. Para esta pesquisa, foi utilizado apenas o Volume 1 (capa verde), por conter os sinais correspondentes aos verbos.

Figura 3 - Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1, 2 e 3



Fonte: Google Fotos

Figura 4 - Sinal e descrição de “desculpe” do Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1.



Fonte: Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1, pág. 67.7

O *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos*, de Capovilla (2017), é resultado de uma extensa pesquisa lexicográfica desenvolvida ao longo de vários anos. A obra foi elaborada a partir de visitas in loco às comunidades surdas de diferentes estados brasileiros, com o propósito de registrar as variações regionais dos sinais utilizados no país. Cada verbete inclui a palavra em português e em inglês, o estado onde o sinal é utilizado, a soletração manual, exemplos de uso em frases, a escrita visual por meio do sistema SignWriting, a descrição detalhada do sinal e ilustrações tanto do referente quanto do sinal. Dividido em três volumes e organizado alfabeticamente, o

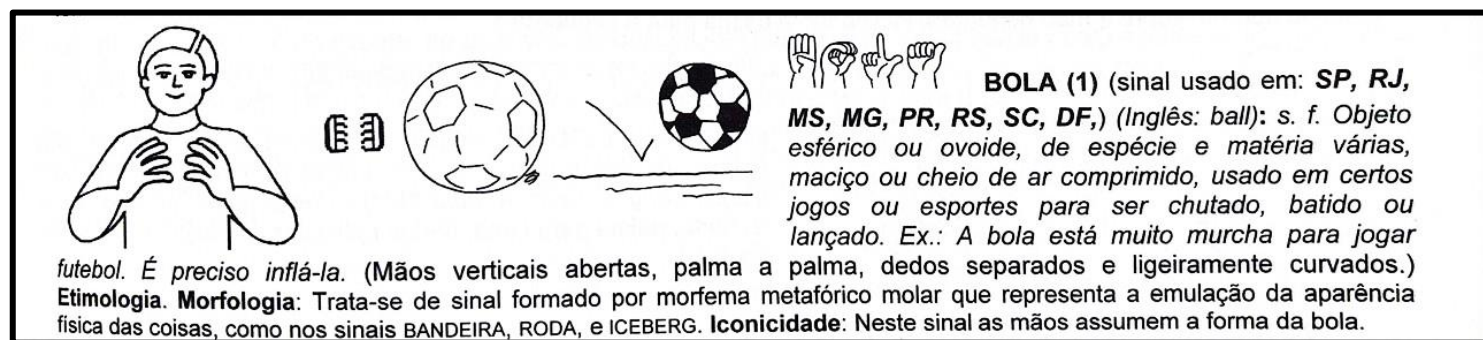
dicionário é uma das principais referências nacionais no campo da Libras, servindo como base para o ensino, a pesquisa e a padronização da língua.

Figura 5 - Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, de Capovilla (2017)



Fonte: Google Fotos

Figura 6 - Sinal e descrição de bola do Dicionário da Língua de Sinais do Brasil



Fonte: Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos” de Capovilla (2017), pág. 435.

Essas duas obras foram selecionadas por apresentarem descrições detalhadas dos sinais, ilustrações e informações contextuais fundamentadas na cultura surda. Além disso, por serem amplamente utilizadas em cursos de formação e em pesquisas sobre Libras, conferem confiabilidade e relevância científica ao corpus desta dissertação. Assim, mais do que materiais didáticos, esses livros podem ser compreendidos como artefatos

culturais, pois registram e difundem o conhecimento linguístico produzido no interior da comunidade surda, refletindo sua experiência visual, suas práticas comunicativas e seus modos de significar o mundo.

Compreender a Libras como uma língua natural, o sujeito surdo como integrante de uma comunidade cultural específica e os materiais didáticos como artefatos culturais estabelece o alicerce teórico para a análise aqui proposta. Essa perspectiva integradora permite observar de que forma os fenômenos de arbitrariedade e iconicidade se expressam nos sinais verbais e como os materiais selecionados contribuem para a difusão, a representação e o fortalecimento da língua e da cultura surda no Brasil.

Cabe ressaltar que a apresentação desses materiais, neste momento, tem caráter teórico, uma vez que se compreende a produção e a circulação de obras em Libras como parte constitutiva da cultura e da identidade surda. A descrição detalhada de sua utilização como corpus analítico será retomada na seção de *Procedimentos Metodológicos*, quando serão explicitados os critérios de seleção e análise empregados na pesquisa.

Por fim, ao reconhecer a Libras como língua plena, viva e culturalmente situada, torna-se necessário compreender também sua estrutura interna, ou seja, os elementos que organizam sua forma e funcionamento linguístico. Assim, nas próximas subseções, serão abordados os parâmetros fonológicos da Libras e os processos de classificação e incorporação, componentes essenciais para o entendimento da natureza visual e espacial dessa língua e para o aprofundamento das análises desenvolvidas nesta pesquisa.

2.1 Parâmetros Linguísticos da Libras

O reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como uma língua legítima e autônoma é resultado de um processo histórico marcado por lutas sociais, resistência cultural e mobilização da comunidade surda brasileira. Ao longo do tempo, a Libras desenvolveu-se naturalmente, consolidando uma gramática própria e complexa, fundamentada em uma modalidade espaço-visual que se diferencia substancialmente da modalidade oral-auditiva predominante na cultura majoritária ouvinte.

A estrutura linguística da Língua Brasileira de Sinais (Libras) organiza-se a partir de cinco parâmetros fonológicos fundamentais, responsáveis pela constituição dos sinais, conforme descrito na tabela a seguir:

Tabela 2 – Parâmetros linguísticos da Libras

CM - Configuração de Mão	Corresponde ao formato assumido pela mão na produção de determinado sinal;
PA – Ponto de Articulação	Indica o local do corpo ou do espaço onde o sinal é articulado;
M – Movimento	Refere-se à existência e ao tipo de deslocamento realizado durante o sinal;
O/D – Orientação ou Direção	Define a direção para a qual a palma da mão está voltada;
ENM – Expressão Não Manual	Abrange elementos faciais e corporais que cumprem funções sintáticas, semânticas e pragmáticas essenciais à compreensão e à expressividade da língua.

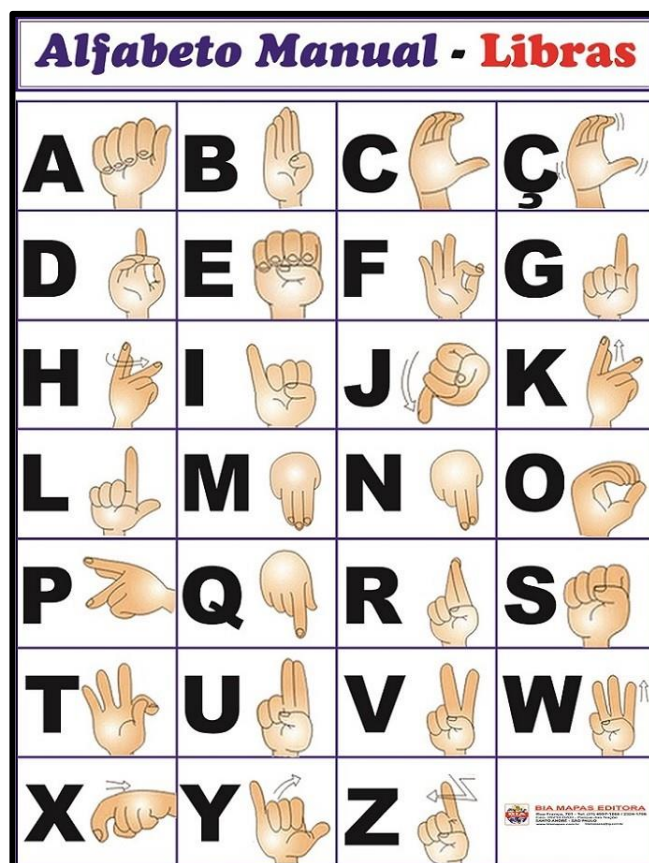
Fonte: A autora (2026)

Desse modo, a Libras é constituída por sinais organizados a partir desses parâmetros linguísticos e não se restringe ao uso do alfabeto manual (datilologia), recurso empregado exclusivamente para a soletração manual das letras do alfabeto. Conforme observa Gesser (2009, p. 28), se a Libras se limitasse a esse recurso, não poderia ser considerada uma língua, mas apenas um código de representação das letras alfabéticas. Carmozine (2012, p. 55) conceitua:

Trata-se do alfabeto manual na Libras, formado pelas letras (grafemas) do alfabeto da língua portuguesa. Acrescenta-se à datilologia o grafema /ç/, totalizando assim 27 representações. O alfabeto manual é utilizado para a soletração de palavras em português, como: nomeações, endereços, lugares e vocábulos que ainda não possuem sinais na Libras. (Carmozine, p.55, 2012)

Nesse sentido, o alfabeto manual constitui um recurso complementar à Libras, utilizado de forma pontual e funcional, não se configurando como elemento central da língua, mas como um apoio comunicativo em contextos específicos. Para fins de exemplificação e visualização desse recurso, apresenta-se a seguir a representação do alfabeto manual utilizado na Libras.

Figura 7 - Alfabeto manual.



Fonte: Google Fotos

Embora utilize predominantemente o canal visual-gestual, a Libras é uma língua natural, dotada de todas as propriedades que caracterizam as línguas humanas, arbitrariedade, produtividade, dualidade de padrão e capacidade de inovação. O uso de sinais, expressões faciais e movimentos corporais não a reduz a uma mera mímica ou a gestos espontâneos; trata-se de um sistema linguístico estruturado, regido por normas próprias e desenvolvido socialmente entre pessoas surdas.

Conceitos equivocadamente difundidos, como a ideia de que a Libras seria uma “língua universal” ou uma simples tradução do português, desconsideram sua autonomia linguística e enraizamento cultural. Segundo Gesser (2009, p. 12), a Libras não funciona como um decalque ou rótulo que possa ser colocado ou utilizado por todos os surdos de todas as sociedades de maneira uniforme e sem influências de uso.

Assim, as línguas de sinais são, como quaisquer outras, produtos de processos históricos, culturais e sociais específicos, além de constituírem importantes marcadores identitários da comunidade surda e elementos centrais de sua cultura.

Desse modo, é imprescindível que a sociedade ouvinte reconheça que o canal visual-gestual adotado pelos surdos não compromete a complexidade e a legitimidade da

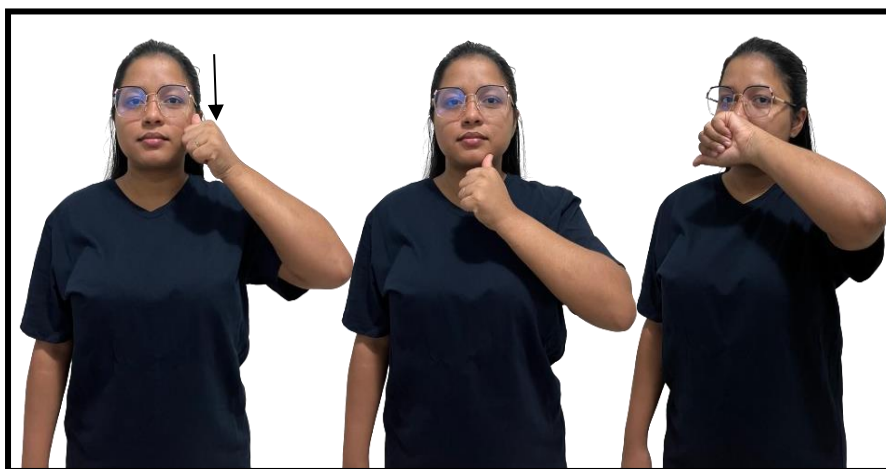
Libras enquanto língua natural. Pelo contrário, reforça a diversidade das formas humanas de expressão e comunicação. Conforme enfatiza Gesser (2009, p. 21):

quer língua humana natural. É necessário que nós, indivíduos de uma cultura de língua oral, entendamos que o canal comunicativo diferente (visual-gestual) que o surdo usa para se comunicar não anula a existência de uma língua tão natural, complexa e genuína como é a língua de sinais. (Gesser, 2009, p. 21).

É urgente, portanto, romper com a visão limitada e reducionista que associa a Libras à mímica ou a gestos isolados, reconhecendo-a como uma língua plena, dotada de gramática, semântica, sintaxe e variações regionais. A Libras constitui-se historicamente como instrumento legítimo de comunicação da comunidade surda brasileira, sendo expressão viva de sua cultura, subjetividade e identidade social.

Assim como ocorre com as línguas orais, cada língua de sinais possui sua própria nacionalidade e estrutura gramatical. Existem, por exemplo, a Língua Americana de Sinais (ASL), a Língua Australiana de Sinais (Auslan) e a Língua Japonesa de Sinais (JSL), entre tantas outras. Consequentemente, os sinais variam de um país para outro. A título ilustrativo, o sinal de “mãe” em Libras difere do mesmo sinal em ASL:

Figura 8 - Sinal de Mãe – em Libras



Fonte: A autora (2026).

Figura 9 - Sinal de Mãe – em ASL



Fonte: A autora (2026).

Outra concepção equivocada e recorrente consiste em supor que a comunicação em Libras se dá exclusivamente por meio da datilologia, como se a língua se reduzisse à soletração manual de cada palavra. Se compararmos essa hipótese a uma conversa oralizada em que cada termo fosse soletrado, perceberíamos que o discurso se tornaria excessivamente longo, cansativo e de difícil compreensão. O mesmo ocorreria caso a Libras se baseasse apenas no alfabeto manual: a comunicação seria manual e visualmente exaustiva, comprometendo a clareza e a eficiência da mensagem.

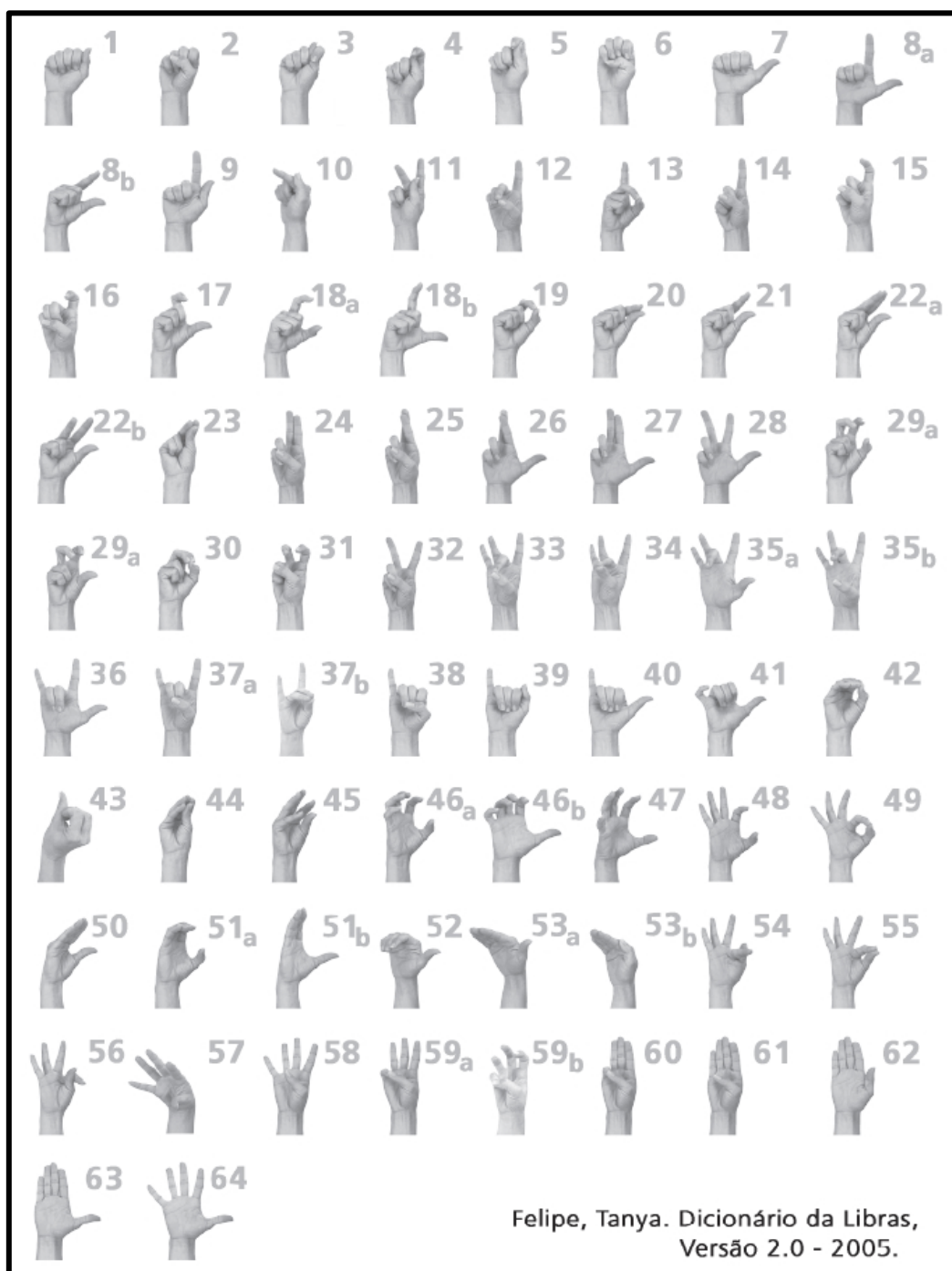
Por essa razão, a Libras dispõe de sinais próprios, estruturados linguisticamente para expressar ideias, sentimentos, ações e nuances discursivas com fluidez e naturalidade. Nesse contexto, Gesser (2009, p. 12) propõe uma reflexão significativa:

Acreditar que a língua de sinais é o alfabeto manual é fixar-se na ideia de que a língua de sinais é limitada, já que a única forma de expressão comunicativa seria uma adaptação das letras realizadas manualmente, condicionadas e representadas a partir da língua oral. Imaginemos, por exemplo, quanto levaria um surdo para falar uma sentença ou, ampliando bem a questão, ter uma conversa filosófica, se utilizasse apenas o soletramento manual? (Gesser, 2009, p. 12).

Por isso, a Libras possui parâmetros específicos para a constituição do sinal, sejam eles manuais ou não manuais (apenas expressivos). A seguir, retomaremos a conceituação detalhada dos cinco parâmetros fonológicos:

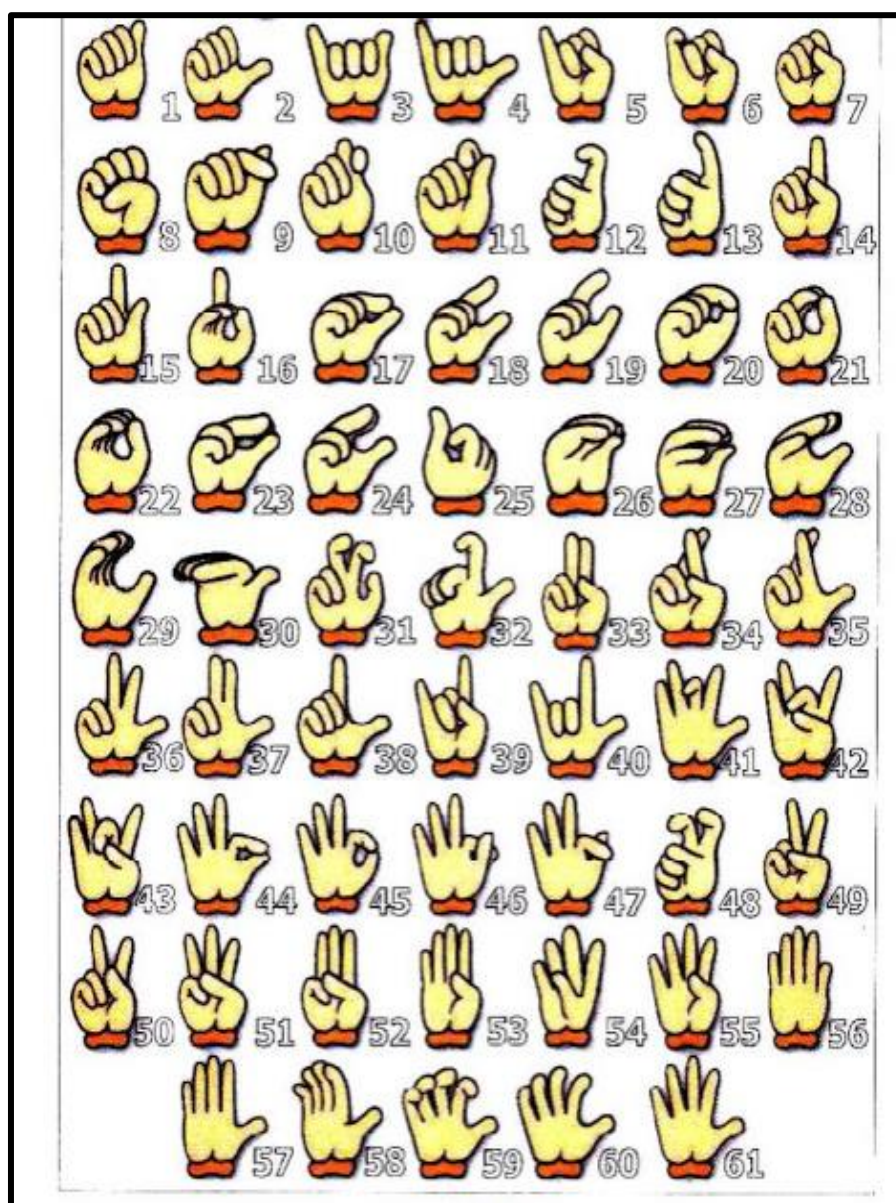
I. Configuração de mão: As configurações de mãos referem-se às formas que as mãos assumem durante a realização de um sinal em Libras. Essas formas podem se basear em letras do alfabeto ou em outras posições específicas dos dedos e das palmas. Atualmente, existem diversas tabelas de configurações manuais, com variações quanto à quantidade e ao tipo de formas apresentadas, refletindo a riqueza e a diversidade dessa característica linguística, pois a medida que o tempo passa, novos sinais são criados afim de abarcar todas áreas especializadas ainda não exploradas. Essas tabelas são uma ferramenta de referência da Língua Brasileira de Sinais (Libras) que descreve as diversas configurações que as mãos podem assumir na realização dos sinais.

Figura 10 - Tabela de configuração de mão (CM) com 64 formas do Dicionário da Libras, versão 2.0



Fonte: Dicionário da Libras, versão 2.0, FELIPE, Tanya, 2005.

Figura 11 - Tabela de configuração de mão (CM) com 61 formas do LSB Vídeo, 2008.



Fonte: LSB Vídeo, 2008.

Figura 12 - Tabela de configuração de mãos (CMs) com 79 formas do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), instituição de referência na educação de surdos no Brasil.

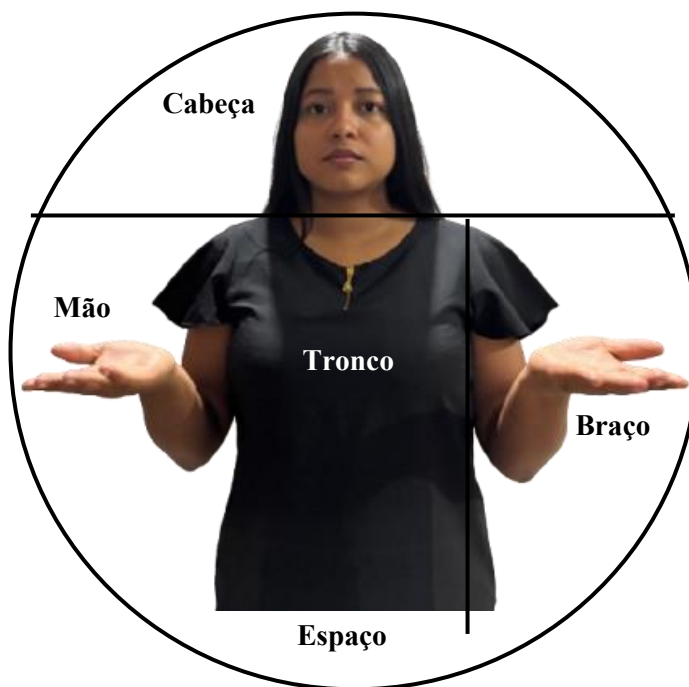


Fonte: Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), 2018.

II. Ponto de Articulação (PA): O ponto de articulação (PA) corresponde ao local do corpo ou do espaço onde o sinal em Libras é realizado. Segundo Klima e Bellugi (1979, p. 50), trata-se de “aquela área no corpo, ou no espaço de articulação definido pelo corpo, em que ou perto da qual o sinal é articulado”. Dentro de um determinado raio em torno do corpo do sinalizante, é possível articular uma variedade de sinais, embora em quantidade limitada. Essa delimitação espacial é fundamental para a clareza e a distinção dos sinais.

A seguir, observe a exemplificação das principais possibilidades de pontos de articulação utilizados na Libras:

Figura 13 - ilustração dos pontos de articulação.



Fonte: A autora (2026), adaptado de Quadros e Karnopp (2004).

III. Movimento (M): O movimento em Libras refere-se ao deslocamento realizado pelas mãos durante a produção do sinal. Esse deslocamento ocorre no espaço e compõe, juntamente com outros parâmetros, a estrutura do sinal. Os movimentos frequentemente apresentam trajetos com formas geométricas específicas, que contribuem para a construção do significado.

A seguir, são apresentados os principais tipos de movimentos identificáveis na produção dos sinais em Libras:

Retilíneo – Sinal de *Encontrar*



Descrição do sinal:

CM: mãos em “D”

PA: à frente do corpo

M: retilíneo, aproximando-se

O: para o centro

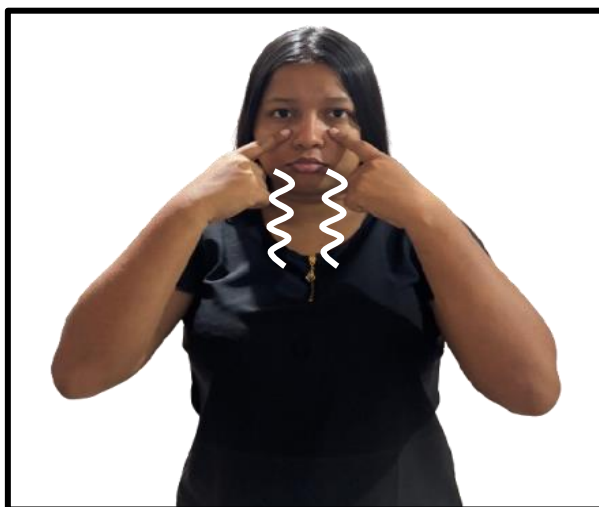
ENM: neutro

Figura 14 - Sinal de *Encontrar*

Fonte: A autora (2026).

Circular – Sinal de *Brincar***Descrição do sinal:****CM:** mãos em “Y”**PA:** à frente do corpo**M:** circular e alternado**O:** palmas para dentro; **D:** sentido horário**ENM:** sorrindo**Figura 15** - Sinal de *Brincar***Fonte:** A autora (2026).Semicircular – Sinal de *Esconder***Descrição do sinal:****CM:** Mão dominante em “C”; mão não dominante em “S”**PA:** mão dominante tocando o dorso**M:** semicircular**O:** mão dominante para dentro; mão não dominante para o lado**ENM:** neutro**Figura 16** - Sinal de *Esconder***Fonte:** A autora (2026).Angular – Sinal de *Feliz/Felicidade***Descrição do sinal:****CM:** mãos em “F”**PA:** altura da cabeça**M:** angular**O:** palmas para frente; **D:** de cima para baixo**ENM:** Felicidade**Figura 17** - Sinal de *Feliz/felicidade***Fonte:** A autora (2026).

Sinuoso – Sinal de *Chorar*



Descrição do sinal:

CM: mãos em “D”

PA: Tocando abaixo dos olhos

M: Sinuoso

O: palmas para dentro; **D:** de cima para baixo

ENM: Triste

Figura 18 - Sinal de *Chorar*

Fonte: A autora (2026).

Helicoidal – Sinal de *Alto*



Descrição do sinal:

CM: mão em “D”

PA: a frente do corpo

M: Helicoidal

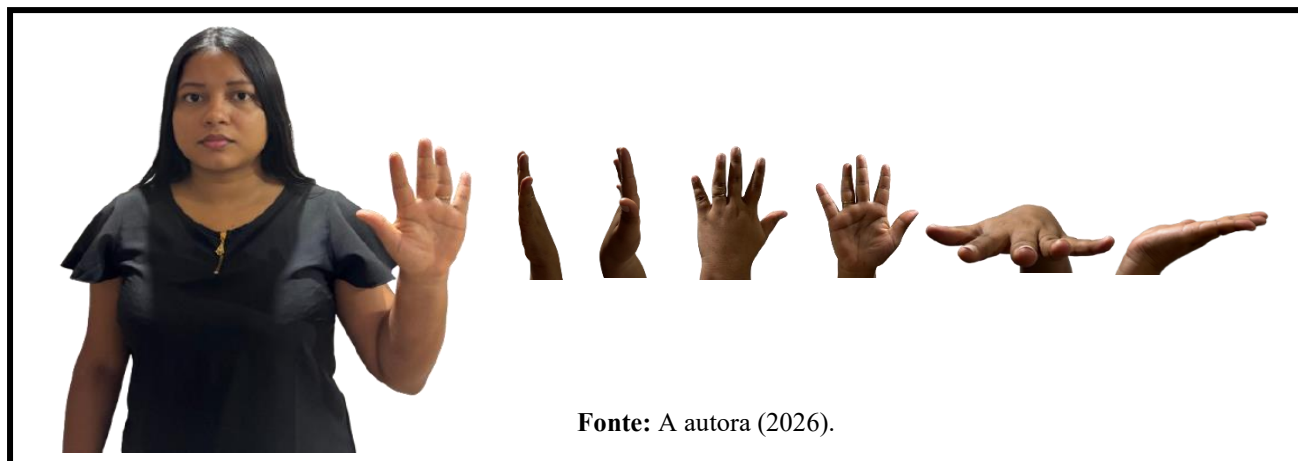
O: para o lado; **D:** de baixo para cima

ENM: neutro

Figura 19 - Sinal de *Alto*

Fonte: A autora (2026).

IV. Orientação (O)/Direcionalidade (D): A orientação da mão refere-se à direção para a qual a palma está voltada durante a realização do sinal. Trata-se de um dos parâmetros fonológicos da Libras que contribuem para a formação e distinção dos sinais. De forma geral, essa orientação pode ser classificada em seis direções principais, conforme ilustrado a seguir:

Figura 20 - Sinal de *Alto*

V. Expressão facial/corporal ou Expressão não-manual (ENM): As expressões não manuais correspondem aos movimentos do rosto e do corpo que acompanham a realização dos sinais. Elas desempenham um papel essencial na Libras, contribuindo para a construção do sentido, a entonação e a diferenciação de sinais com configurações semelhantes.

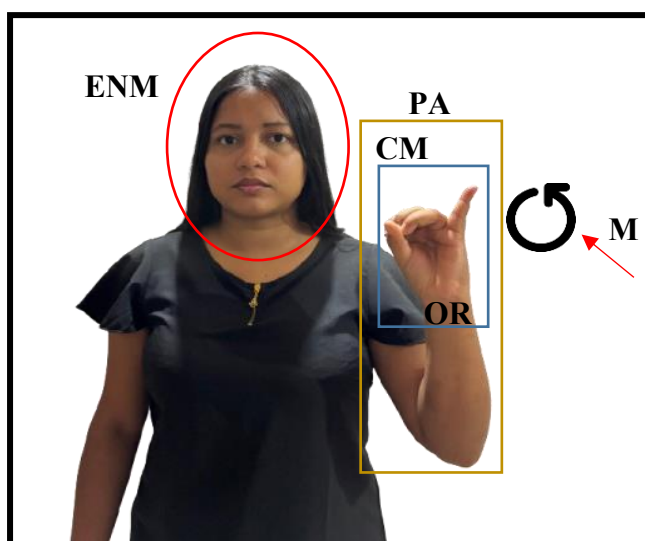
A seguir, são apresentados exemplos das expressões mais comuns utilizadas durante a sinalização:

Figura 21 - Expressões faciais

Fonte: A autora (2026).

Para ilustrar ainda mais, segue um exemplo do sinal de “Oi” em Libras que evidencia todos os parâmetros citados anteriormente.

Figura 22 - Ilustração dos parâmetros



Descrição do sinal:

CM: mão em O com dedo mindinho levantado

PA: espaço neutro , à frente do corpo

M: circular

O: Para a frente

ENM: Neutra

Fonte: A autora (2026).

Além dos cinco parâmetros que estruturam os sinais da Libras, a língua de sinais apresenta diferentes tipos de sinais, que podem ser classificados de acordo com sua composição, forma, significado e concordância. Destacam-se os sinais simples, formados por uma única unidade lexical, e os sinais compostos, constituídos pela combinação de dois ou mais sinais. Além disso, distinguem-se os sinais icônicos, cuja forma guarda semelhança com o objeto ou ação que representam, e os sinais arbitrários, em que não há relação visual direta com o referente. Há ainda os sinais polissêmicos, que assumem significados diversos conforme o contexto, e os sinais tautológicos, em que dois ou mais sinais expressam um mesmo conceito, reforçando a mensagem. Essas categorias evidenciam que a Libras não é apenas um conjunto de gestos isolados, mas sim uma língua plena, dotada de estruturas gramaticais próprias e capaz de expressar ideias complexas com clareza e naturalidade.

Um recurso complementar importante na Libras é o empréstimo linguístico por meio da datilologia, utilizado principalmente para nomear pessoas, lugares, termos técnicos ou palavras que ainda não possuem sinal correspondente. Como explica Brito (1995, p. 22), esse recurso contribui para ampliar a comunicação e garantir maior precisão na transmissão das informações, funcionando de forma integrada à linguagem de sinais sem substituir os sinais próprios. Dessa forma, a Libras combina parâmetros fonológicos, tipos de sinais e recursos complementares, assegurando a riqueza expressiva e a

funcionalidade da comunicação da comunidade surda brasileira. Esta base prepara o caminho para compreender como a língua de sinais opera com incorporação e classificadores, recursos que permitem representar objetos, ações e relações espaciais de forma ainda mais detalhada e dinâmica.

2.2 Classificadores e incorporação

Os classificadores e a incorporação são elementos fundamentais na estrutura linguística da Libras, compondo as chamadas unidades de produção. Esses recursos são empregados na construção de sinais que não apenas integram os níveis fonológico, sintático, semântico e pragmático da língua, mas também ampliam suas possibilidades expressivas e descritivas. Como observa Ferreira (2010, p. 102):

Os Cls são morfemas que existem em línguas orais e línguas de sinais. Entre as primeiras, as línguas orientais são as que mais apresentam Cls. As línguas de sinais, talvez por serem línguas espaço-visuais, fazem usos frequentes de vários tipos de Cls, explorando também morfologicamente, o espaço multidimensional em que se realizam os sinais. (Ferreira, 2010, p. 102)

Na Libras, além dos sinais convencionais que constituem seu vocabulário, os classificadores funcionam como ferramentas essenciais para representar visualmente tamanhos, formas, quantidades, posições e movimentos dos referentes, sejam eles objetos, pessoas ou animais. Assim, os classificadores têm a função de descrever de maneira mais precisa e econômica determinadas situações, incorporando características diretamente ao sinal.

Esses elementos são formados por configurações específicas das mãos, que variam de acordo com o contexto e o referente descrito. Em determinados enunciados, os classificadores substituem sinais lexicais, com o objetivo de representar atributos particulares daquilo que está sendo mencionado, funcionando como morfemas gramaticais e lexicais que enriquecem a mensagem visual.

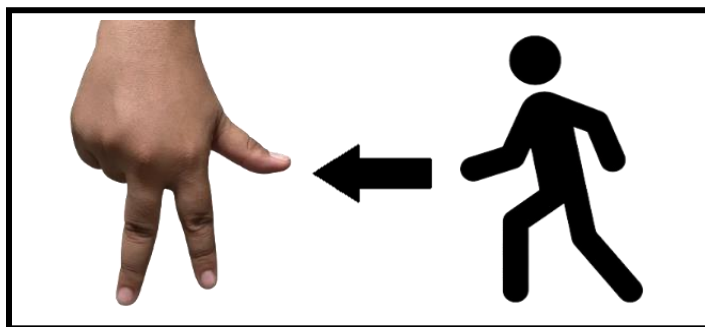
Segundo Brito (1995, p. 32), na Libras não se pode falar de forma linear em prefixos ou sufixos como ocorre nas línguas orais-auditivas, pois os morfemas na língua de sinais se organizam de maneira simultânea. Dessa forma, os classificadores atuam como afixos incorporados ao radical verbal ou nominal, transmitindo informações complexas em uma única unidade sinalizada.

Um exemplo comum de uso de classificadores aparece no verbo “andar”. Ao utilizá-lo, o sinalizante pode distinguir entre o deslocamento de uma pessoa e o de um animal, ajustando a forma do classificador para refletir a diferença no modo de locomoção

de cada um. Assim, a forma do sinal muda não apenas em sua configuração, mas também em seu movimento e orientação espacial, revelando a capacidade icônica e flexível da Libras.

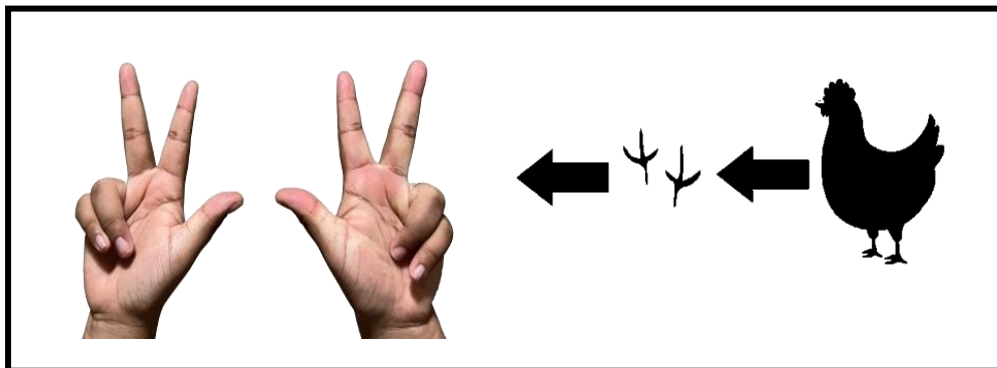
Esse tipo de estrutura linguística evidencia como a língua de sinais é rica em estratégias visuais e espaciais, permitindo uma comunicação mais direta, expressiva e adaptada ao contexto. A seguir, será apresentada uma ilustração exemplificando o uso de classificadores com o verbo “andar”:

Figura 23: Configuração de pessoa andando/caminhando



Fonte: A autora (2026).

Figura 24: Configuração de galinha andando



Fonte: A autora (2026).

Além dos sinais convencionais que compõem o léxico da Libras, a língua conta com um recurso importante denominado incorporação, o qual amplia as possibilidades de expressão e descrição ao explorar os parâmetros espaciais e visuais da sinalização. Esse mecanismo permite que o sinalizante integre, ao próprio sinal, informações adicionais como o tipo de ação, o participante envolvido ou as características do objeto em questão.

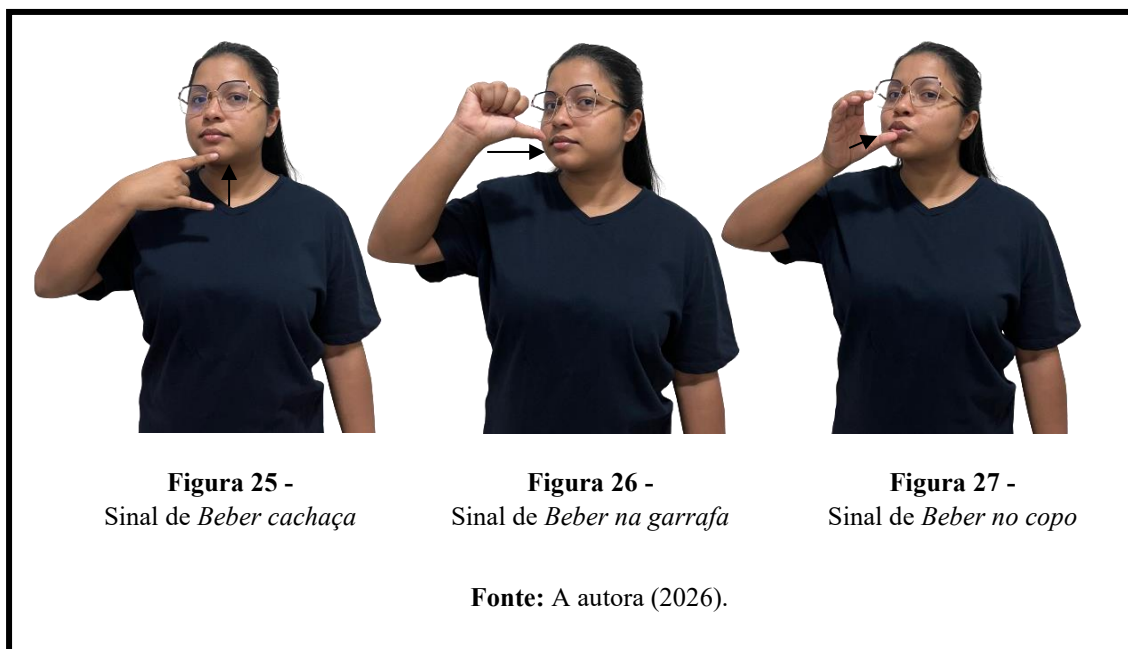
A incorporação é especialmente comum no uso de verbos, que podem incluir simultaneamente elementos como número, gênero, pessoa, direção ou forma do referente.

Trata-se de um processo altamente produtivo e marcadamente icônico, no qual a forma do sinal carrega visualmente aspectos semânticos da ação descrita.

Segundo Brito (1995, p. 35), esse fenômeno é bastante frequente na Libras e facilmente identificável, uma vez que explora intensamente os recursos espaciais e visuais da língua para representar relações complexas de forma direta e sintética.

Um exemplo clássico é o verbo beber, cuja realização pode variar conforme o objeto ou recipiente envolvido na ação. O sinal pode ser adaptado para indicar se o que está sendo consumido é água em um copo, refrigerante em uma garrafa, ou até mesmo sopa em uma tigela. Essa variação não exige novos sinais, mas sim a modificação dos parâmetros articulatórios (como a configuração das mãos, o movimento e a orientação), refletindo com fidelidade o contexto da ação.

Esse recurso mostra como a Libras é uma língua dinâmica, que utiliza estratégias visuais para representar significados de maneira simultânea e eficiente. A incorporação, portanto, não apenas enriquece o discurso sinalizado, como também revela a complexidade e a sofisticação gramatical da língua. A seguir, é possível observar diferentes formas do verbo “beber”, conforme o tipo de recipiente ou líquido representado, evidenciando o funcionamento da incorporação na prática linguística da Libras.



A Libras revela-se uma língua de múltiplas camadas linguísticas, cuja complexidade exige um estudo aprofundado e contínuo. Assim, é imprescindível que continuemos a explorar e ampliar os conhecimentos na área para compreender

plenamente suas estruturas e potencialidades comunicativas. Este aprofundamento permite, a seguir, analisar conceitos centrais da linguística de sinais, como a arbitrariedade, que evidencia a relação entre forma e significado na Libras e contribui para a compreensão de sua natureza enquanto língua plena.

3 A ARBITRARIEDADE NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Saussure (2012, p. 107) explica que o signo linguístico é composto por duas faces indissociáveis: o significante e o significado. O significante corresponde à imagem acústica, isto é, à representação sonora de um termo, enquanto o significado refere-se ao conceito mental associado a essa imagem. Na Língua Brasileira de Sinais (Libras), contudo, o significante assume natureza visual-espacial, manifestando-se por meio de sinais, expressões faciais e movimentos corporais. A combinação entre significante e significado constitui o signo linguístico, cuja base teórica se apoia em dois princípios fundamentais: a arbitrariedade e a linearidade do significante.

Saussure (2012, p. 106) observa que o signo linguístico “une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica”. Essa imagem não se confunde com o som material, algo puramente físico, mas com a impressão psíquica desse som, isto é, sua representação mental. O signo, portanto, é uma unidade de natureza dupla, psicológica e social, que só adquire sentido dentro de uma comunidade de falantes.

O princípio da arbitrariedade sustenta que não há relação natural ou intrínseca entre significante e significado. Em outras palavras, nada na forma ou no som de uma palavra explica o conceito que ela representa. O vínculo entre ambos é fruto de uma convenção social, aceita e mantida por uma comunidade linguística. Como destaca Saussure, o uso de uma língua ocorre individualmente, mas a validação dos signos é coletiva; é o consenso entre os falantes que assegura a estabilidade e a inteligibilidade do sistema. Assim, a arbitrariedade permite que diferentes línguas nomeiem um mesmo referente de maneiras distintas.

O segundo princípio, a linearidade do significante, segundo Fiorin (2003, p. 83), refere-se à sucessão temporal dos elementos linguísticos. A fala, ou o sinal, no caso das línguas de sinais, organiza-se de modo sequencial, pois não é possível expressar simultaneamente todos os signos de um enunciado. As unidades linguísticas se encadeiam uma após a outra, formando uma cadeia significativa. Essa característica distingue as línguas naturais de outras formas de expressão simultâneas, como a pintura, cuja mensagem é percebida em sua totalidade de uma só vez.

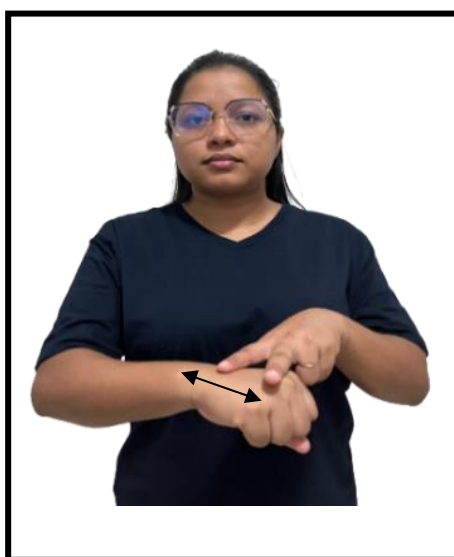
No caso da Libras, o reconhecimento do princípio da arbitrariedade apresenta nuances próprias. Por ser uma língua de base visual, tende-se a associá-la imediatamente à motivação icônica, ou seja, à semelhança perceptível entre o sinal e seu referente. No entanto, conforme o próprio Saussure admite, há graus distintos de arbitrariedade: ela

pode ser absoluta, quando não existe qualquer laço entre forma e conteúdo, ou relativa, quando há uma motivação parcial. Essa motivação relativa manifesta-se, por exemplo, na composição ou derivação de sinais, em que certos traços formais evocam aspectos do conceito representado, como o sinal de escrever, que remete parcialmente ao gesto de segurar uma caneta, embora o conjunto do sinal já funcione de modo convencionalizado. Além disso, com o passar do tempo, muitos sinais sofrem transformações fonológicas e articulatórias, perdendo suas características icônicas originais e tornando-se progressivamente mais arbitrários.

Quadros (2004, p. 26) reforça essa perspectiva ao afirmar que “o caso mais óbvio da arbitrariedade da língua diz respeito à relação entre forma e significado. As palavras e os sinais apresentam uma conexão arbitrária entre forma e significado, visto que, dada a forma, é impossível prever o significado e vice-versa”. Essa concepção evidencia que a arbitrariedade é uma característica universal das línguas humanas, incluindo as de modalidade visual.

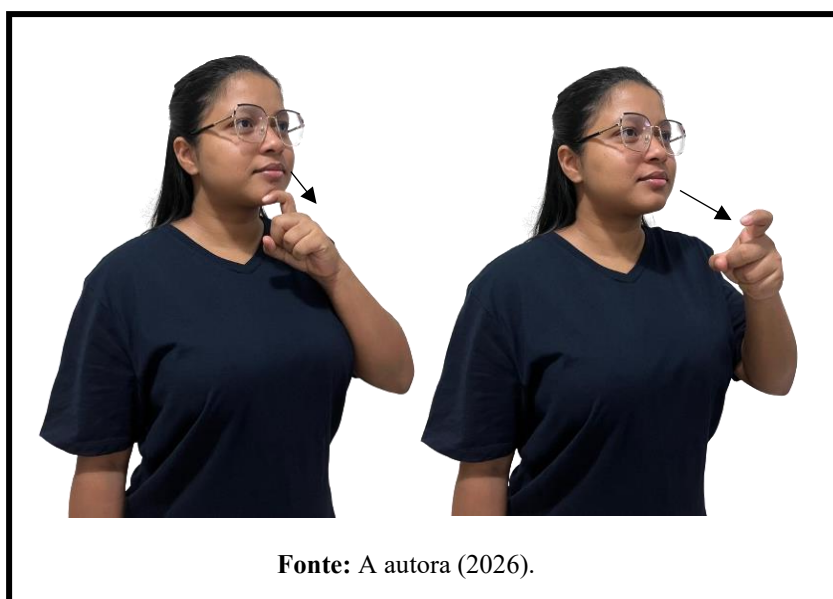
Outra dimensão relevante da arbitrariedade é sua natureza cultural. O signo linguístico é um produto social e, portanto, sujeito a variações geográficas, históricas e socioculturais. As línguas orais ilustram bem essa questão: o mesmo fruto é chamado de *juçara* no Maranhão e de *açaí* no Pará. De modo análogo, as línguas de sinais apresentam variações regionais que evidenciam a convenção social de cada comunidade surda. As ilustrações a seguir exemplificam essas diferenças na Libras, como no caso do sinal da cor verde, que apresenta formas distintas no Maranhão, no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Figura 28 - Sinal de *Verde* – usado no Maranhão (MA) e Rio de Janeiro (RJ)



Fonte: A autora (2026).

Figura 29 - Sinal de *Verde* – usado em São Paulo (SP)



Essas variações demonstram que a arbitrariedade se manifesta também nas línguas de modalidade visual-espacial, refletindo a diversidade cultural e identitária das comunidades surdas brasileiras.

Em contraposição à noção de arbitrariedade absoluta, Benveniste (1991) propõe uma visão relacional do signo. Para o autor, o vínculo entre significante e significado não é puramente arbitrário, mas necessário, pois ambos se constituem mutuamente a partir da experiência social e da referência à realidade. Segundo Benveniste:

“O conceito (significado) ‘boi’ é forçosamente idêntico na minha consciência ao conjunto fônico (significante) *boi*. [...] Há entre os dois uma simbiose tão estreita que o conceito ‘boi’ é como que a alma da imagem acústica *boi*.” (Benveniste, 1991, p. 55–56).

Para Benveniste, o signo só existe na prática social, isto é, na interação entre sujeitos. Mesmo quando pensamos em um signo sem utilizá-lo, ele carrega a memória de seu uso anterior, pois só pode ser concebido como signo se já tiver sido experienciado em algum contexto comunicativo. Assim, significado e significante se unem sempre em referência a uma experiência compartilhada.

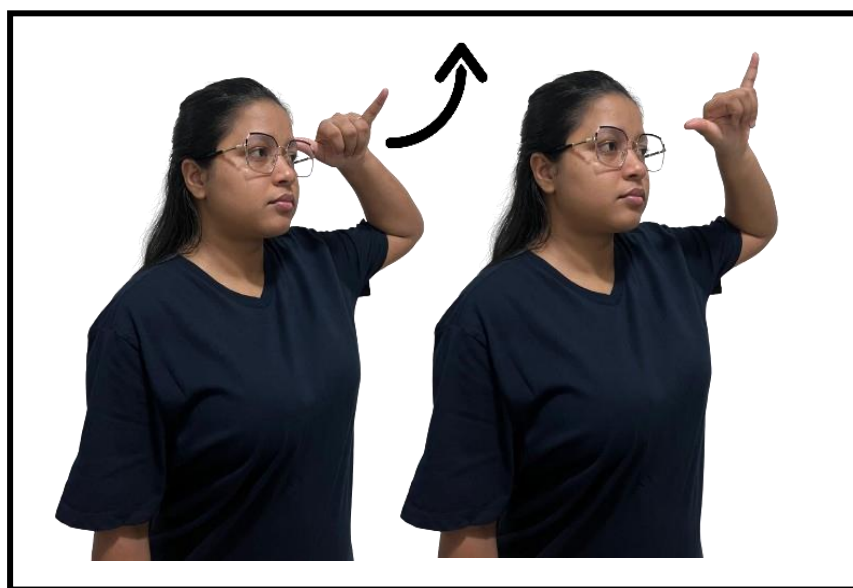
Essa concepção pode ser observada na Libras. O sinal de *boi*, por exemplo, é motivado, pois remete visualmente aos chifres do animal, representando uma forma icônica de significação (Figura 30). Já o sinal do verbo *evitar* (Figura 31) apresenta configuração de mão semelhante, mas sem relação direta com o conceito que representa, sendo, portanto, um sinal arbitrário.

Figura 30 - Sinal de *Boi (animal)*



Fonte: A autora (2026).

Figura 31 - Sinal de *Evitar*



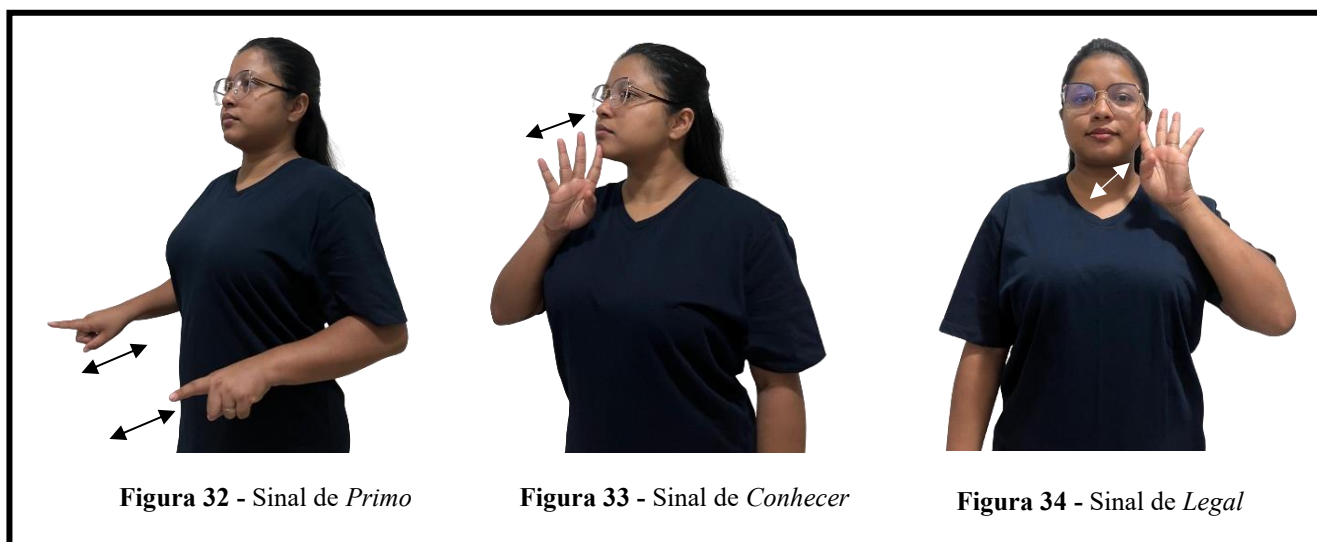
Fonte: A autora (2026).

O sinal *evitar* exemplifica, assim, um signo imotivado, cuja forma não remete visualmente ao seu significado. Essa distinção evidencia que a arbitrariedade também está presente na Libras, assim como nas línguas orais, mas manifesta-se conforme as particularidades de uma língua de modalidade visual-espacial. Há, portanto, sinais motivados, relativamente arbitrários e absolutamente arbitrários, compondo o espectro das possibilidades linguísticas dessa língua.

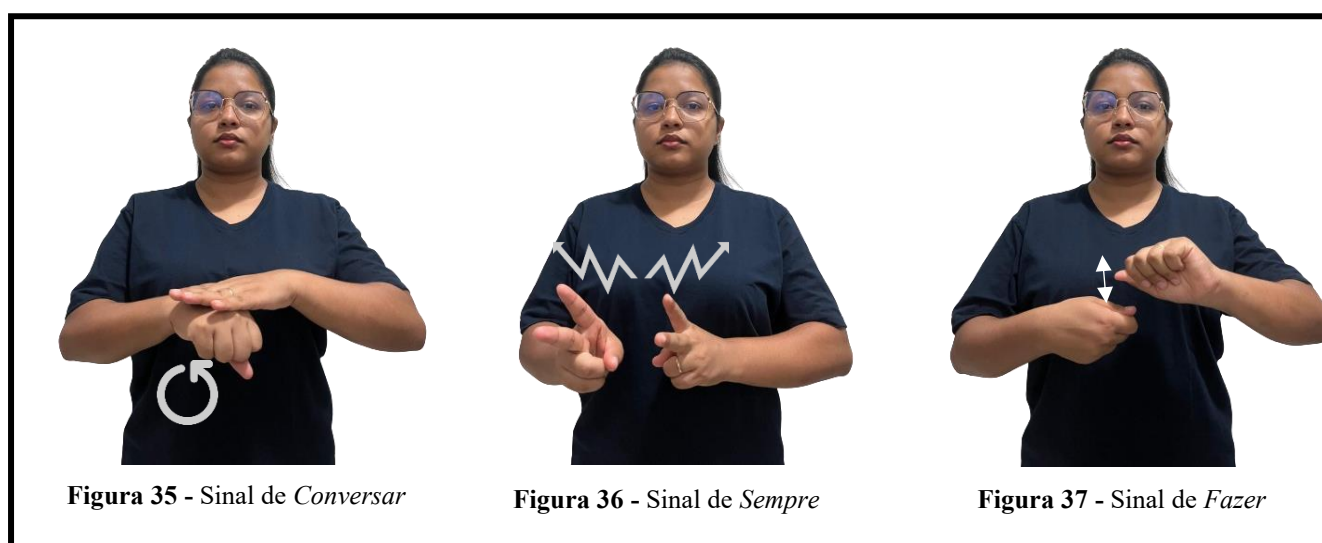
Carmozine (2012, p. 53) define:

“Sinais arbitrários são sinais de representação abstrata e não icônicos, e em nada se assemelham à palavra em português ou à ação em questão. São exemplos: *água, educação, caminhão.*”

Os exemplos evidenciam que, mesmo em uma língua de base visual, o princípio da arbitrariedade se mantém, assegurando à Libras um funcionamento simbólico que transcende a mera iconicidade.



Fonte: A autora (2026).



Fonte: A autora (2026).

Essas observações demonstram que, mesmo em uma língua de base visual como a Libras, a arbitrariedade cumpre papel essencial na constituição de seu sistema linguístico. É justamente o equilíbrio entre o arbitrário e o icônico que garante à Libras sua complexidade, vitalidade e autonomia enquanto língua natural.

Retomando a perspectiva saussuriana de que o signo é uma entidade arbitrária por convenção social, percebe-se que, na Libras, essa arbitrariedade adquire nuances próprias

da modalidade visual-espacial. O que define o significado de um sinal não é apenas sua forma perceptível, mas o consenso estabelecido entre os membros da comunidade surda. Assim, a arbitrariedade revela-se como um princípio universal das línguas humanas, adaptado às diferentes modalidades expressivas.

Reconhecer a presença da arbitrariedade na Libras, portanto, contribui para reafirmar seu estatuto linguístico e desmistificar concepções que a reduzem a uma linguagem puramente icônica. Nessa perspectiva, a coexistência entre arbitrariedade e iconicidade constitui o cerne da dinâmica linguística da Libras, refletindo seu caráter natural, autônomo e culturalmente situado. Essa relação será explorada com maior profundidade na próxima seção, dedicada à iconicidade, dimensão complementar e igualmente fundamental na estrutura dessa língua.

4 A ICONICIDADE NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

A Língua Brasileira de Sinais (Libras), por ser uma língua natural de modalidade visual-espacial, apresenta uma ampla gama de recursos linguísticos que a caracterizam e a distinguem das línguas orais-auditivas. Entre esses recursos, destaca-se a iconicidade, frequentemente mencionada como um dos traços mais evidentes e distintivos da Libras. Em diversos estudos e discussões, é recorrente a afirmação de que a Libras seria uma língua essencialmente, ou mesmo exclusivamente, icônica. Entretanto, tal concepção revela-se limitada e reducionista, pois desconsidera a complexidade estrutural e funcional dessa língua. Assim como ocorre nas línguas orais, a Libras também apresenta elementos de arbitrariedade, os quais desempenham papel fundamental na constituição do seu sistema linguístico.

Cumprе ressaltar que a presença de iconicidade não exclui a arbitrariedade; ao contrário, ambas coexistem e interagem na organização interna das línguas naturais. Essa coexistência manifesta-se em diferentes graus e funções, compondo um espectro que vai desde sinais altamente motivados até aqueles completamente convencionais. Os sinais, portanto, não devem ser compreendidos como simples reproduções imagéticas da realidade, mas como representações simbólicas, resultado de processos cognitivos, culturais e sociais que envolvem abstração e convenção.

Nesse contexto, torna-se fundamental compreender as distinções entre símbolo, índice e ícone, conforme proposto por Martelotta (2020), a fim de aprofundar a análise sobre o modo como os signos operam na Libras. Essa perspectiva permite reconhecer que a iconicidade, embora constitua um aspecto expressivo e relevante, não define isoladamente o funcionamento da língua, mas integra um sistema mais amplo de relações simbólicas e convencionais que garantem à Libras seu status pleno de língua natural.

O símbolo, refere-se a determinado objeto, representando-o, com base em uma lei, hábito ou convenção, estabelecendo uma relação entre dois elementos. Uma característica importante do símbolo relaciona-se ao fato de que ele é parcialmente motivado, ou seja, há entre o símbolo e o conteúdo simbolizado alguns traços relacionados. No caso do índice, ocorre uma relação de contiguidade com a realidade exterior: a fumaça, por exemplo, é o índice do fogo, e a presença de nuvens negras, o índice de chuva iminente. O ícone, por sua vez, tem uma natureza imagística, apresentando, portanto, propriedades que se assemelham ao objeto a que se refere. A fotografia de um indivíduo, por exemplo, é uma representação icônica desse indivíduo, assim como o mapa do Rio de Janeiro representa a cidade. Assim, um ícone é qualquer coisa que seja utilizada para designar algo que lhe seja semelhante em algum aspecto. (Martelotta, 2020, p. 73).

Com base nesses conceitos, observa-se que a iconicidade na Libras manifesta-se por meio de uma relação motivada entre a forma do sinal e o seu sentido, relação esta perceptível por meio de aspectos visuais, espaciais e corporais. Em muitos casos, o sinal apresenta semelhança visual, gestual ou espacial com o referente representado, o que lhe confere um caráter icônico. Essa semelhança pode se estabelecer pela configuração das mãos, pelo movimento realizado, pela localização no espaço de sinalização ou ainda pela maneira como determinado objeto é manipulado no cotidiano.

Segundo Carmozine (2012, p. 53):

Sinais icônicos: são sinais que utilizam a referência de seu significado para se formarem. São gestos que demonstram a imagem carregada à sua definição. Geralmente, os sinais icônicos referem-se a ações propriamente ditas, tais como correr, varrer, escrever, ou a objetos que carregam no sinal suas características mais marcantes, tais como casa, borboleta, telefone e etc. (Carmozine, p.53, 2012)

Desse modo, a iconicidade em Libras emerge como um princípio estruturante que aproxima a forma linguística de elementos do mundo perceptível, sem, contudo, eliminar o componente simbólico e convencional da língua. Essa característica evidencia como a modalidade visual-espacial possibilita diferentes graus de motivação entre sinal e referente, revelando a complexidade e a riqueza expressiva do sistema linguístico da Libras.

A. Sinal de *Árvore*



Descrição do sinal:

CM: Mão dominante aberta; Mão não dominante em “S”

PA: Espaço neutro. Cotovelo da mão dominante tocando o dorso da mão não dominante

M: Girar a mão dominante pelo pulso

O: Palma da mão dominante para cima; Palma da mão não dominante para baixo

ENM: Neutra

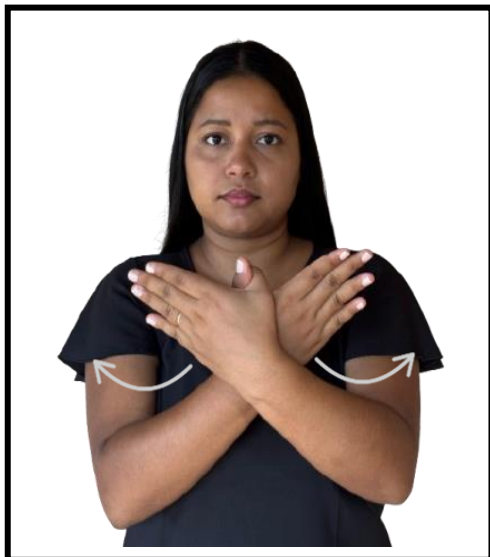
Figura 38 - Sinal de árvore

Fonte: A autora (2026), seguindo o modelo de Frizanco e Honora, 2021.

A configuração de mão aberta utilizada no sinal de *árvore* remete diretamente à imagem visual do referente. Os dedos estendidos representam os galhos e as folhas, enquanto o braço erguido simboliza o tronco. O outro braço, posicionado horizontalmente, funciona como base, remetendo ao solo onde a árvore está enraizada.

Trata-se, portanto, de um sinal cuja iconicidade se estabelece pela relação visual entre a forma gestual e os elementos estruturais da planta.

B. Sinal de *Borboleta*



Descrição do sinal:

CM: Mãos abertas, polegares cruzados

PA: À frente, na altura do peito

M: Dobrar o pulso e subir

O: Palmas para trás

ENM: Neutra

Figura 39 - Sinal de Borboleta

Fonte: A autora (2026), seguindo o modelo de Frizanco e Honora, 2021.

O sinal de *borboleta* apresenta uma configuração em que ambas as mãos estão abertas, com os polegares entrelaçados. Essa disposição sugere uma representação visual das asas do inseto, sendo os polegares também interpretados como referência à cabeça da borboleta. O movimento suave das mãos reforça a ideia do voo, intensificando o caráter icônico do sinal. Assim, há uma clara motivação imagética e dinâmica na construção desse sinal.

C) Sinal de *Casa*



Descrição do sinal:

CM: Mãos em “B”

PA: À frente, na altura do peito

M: Aproximar

O: Para o centro, palma a palma com pontas dos dedos aproximados

ENM: Neutra

Figura 40 - Sinal de Casa

Fonte: A autora (2026), seguindo o modelo de Frizanco e Honora, 2021.

O sinal de *casa* é realizado com as mãos em configuração “B”, cujas pontas dos dedos médios se encontram, formando uma estrutura triangular. Tal configuração remete

ao formato de telhados pontiagudos, uma imagem consolidada culturalmente como representação do conceito de “lar”. Embora nem todas as construções atuais possuam esse formato, ele se fixou como símbolo visual convencional da ideia de moradia, revelando o cruzamento entre iconicidade e convenção cultural.

D) Sinal de *Telefone*



Descrição do sinal:

CM: Mão em “Y”

PA: Tocando a orelha

M: Sem movimento

O: Palma para trás

ENM: Neutra

Figura 41 - Sinal de “telefone”

Fonte: A autora (2026), seguindo o modelo de Frizanco e Honora, 2021.

No sinal de *telefone*, utiliza-se a configuração de mão em “Y”, posicionada junto ao ouvido. A motivação icônica reside tanto no ponto de articulação quanto na forma da mão, remetendo ao gesto de segurar aparelhos telefônicos antigos. A configuração em “Y” alude à forma tradicional dos telefones com fio, sendo, portanto, um sinal historicamente motivado, cuja iconicidade se mantém mesmo com a transformação tecnológica dos objetos que representa.

Salles (2004, p. 83) observa que uma das características mais marcantes das línguas de sinais, em contraste com as línguas orais, é a motivação icônica presente na realização dos sinais, consequência direta das naturezas distintas das modalidades visual-espacial e oral-auditiva. A unidade linguística gestual (significante) na Libras permite estabelecer uma relação perceptível entre forma e referente, o que possibilita que a forma do sinal apresente semelhança com o objeto, a ação ou o conceito que representa.

Por outro lado, nas línguas orais, como o português, a articulação dos sons (significantes) não mantém, em geral, relação direta ou motivada com o referente, o que evidencia o caráter predominantemente arbitrário do signo linguístico.

Entretanto, é importante destacar que a iconicidade não é exclusiva das línguas de sinais. Mesmo nas línguas orais-auditivas, há ocorrências de formas linguísticas que preservam certo grau de motivação perceptiva com o referente, como as onomatopeias,

em que a forma sonora guarda semelhança com o som representado. Palavras como *miau* (miado do gato), *au-au* (latido do cachorro), *tic-tac* (som do relógio), *muuu* (mugido da vaca) e *cocoricó* (canto do galo) exemplificam essa manifestação de iconicidade sonora.

Dessa forma, a iconicidade em Libras constitui-se como um recurso linguístico legítimo, estruturante e funcional, que contribui para a compreensão de sua gramática e de sua natureza enquanto língua natural plena, base essencial para a comunicação e a identidade linguística da comunidade surda.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa é de natureza bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter descritivo, fundamentando-se na análise de obras teóricas especializadas no campo da Linguística e da Língua Brasileira de Sinais (Libras), com foco na compreensão dos fenômenos da arbitrariedade e da iconicidade do signo linguístico. Essa escolha metodológica se justifica pela necessidade de articular teoria e prática, permitindo a observação de como os sinais em Libras expressam simultaneamente elementos motivados e convencionais, constituindo-se como signos linguísticos complexos e multifacetados. A pesquisa se ampara, portanto, em fontes bibliográficas que discutem os fundamentos teóricos desses fenômenos e em um corpus visual construído de forma autoral, a fim de oferecer um olhar analítico sobre a manifestação concreta desses conceitos na língua de sinais.

O corpus da pesquisa é composto por sinais verbais em Libras, categoria escolhida pela relevância usual dos verbos nas línguas naturais. Para garantir representatividade e amplitude na coleta, foram selecionados vinte sinais verbais arbitrários e vinte sinais verbais icônicos, sendo dez arbitrários e dez icônicos do *Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais – Libras* (Honora e Frizanco, 2021) e dez arbitrários e dez icônicos do *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos* (Capovilla, 2017).

Abaixo, segue a tabela com a ordem exata da lista de sinais exemplificados e classificados na análise:

Tabela 3 – Verbos da análise

SINAIS ARBITRÁRIOS	SINAIS ICÔNICOS
Conhecer – <i>Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1, 2021, p. 250</i>	Abraçar – <i>Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1, 2021, p. 241</i>
Continuar – <i>Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1, 2021, p. 251</i>	Abrir – <i>Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1, 2021, p. 241</i>
Conversar – <i>Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1, 2021, p. 251</i>	Afastar – <i>Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1, 2021, p. 243</i>
Crer – <i>Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1, 2021, p. 253</i>	Andar – <i>Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1, 2021, p. 243</i>
Cuidar – <i>Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1, 2021, p. 253</i>	Anotar – <i>Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, 2021, Vol. 1, p. 244</i>

Demorar – Livro 254 <i>Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1, 2021, p.</i>	Bater – Livro <i>Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1, 2021, p. 246</i>
Evitar – Livro <i>Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1, 2021, p.260</i>	Beber – Livro <i>Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1, 2021, p. 247</i>
Estar – Livro <i>Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1, 2021, p.260</i>	Beijar – Livro <i>Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1, 2021, p. 247</i>
Faltar – Livro <i>Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1, 2021, p. 262</i>	Chutar – Livro <i>Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1, 2021, p. 248</i>
Fazer – Livro <i>Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1, 2021, p. 262</i>	Cortar – Livro <i>Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, 2021, Vol. 1, p. 252</i>
Aconselhar – <i>Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, Vol. 1, 2017, p.89</i>	Ler – <i>Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, Vol.2, 2017, p. 1659</i>
Normalizar – <i>Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, Vol. 2, 2017, p.1954</i>	Entrar – <i>Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, 2017, Vol. 2, p.1102</i>
Faltar – <i>Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, Vol. 2, 2017, p.1255</i>	Receber – <i>Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, 2017, Vol.3, p. 2393</i>
Mentir – <i>Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, Vol. 2, 2017, p.1829</i>	Responder – <i>Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, Vol.3, 2017, p. 2442</i>
Aproveitar – <i>Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, Vol. 1, 2017, p. 247</i>	Nascer – <i>Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, 2017, Vol. 2, p.1932</i>
Brincar – <i>Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, Vol. 1, 2017, p. 465</i>	Lavar – <i>Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, Vol, 2, 2017, p. 1651</i>
Tentar – <i>Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, 2017, Vol. 3, p. 2687</i>	Subir – <i>Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, Vol. 3, 2017, p .2626</i>

Ter – <i>Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, Vol. 3, 2017, p.2689</i>	Quebrar – <i>Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, Vol. 3, 2017, p. 2364</i>
Conseguir – <i>Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, Vol. 1, 2017, p.754</i>	Lutar – <i>Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, Vol. 2, 2017, p.1718</i>
Trabalhar – <i>Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, Vol. 3, 2017, p. 2732</i>	Medir – <i>Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, Vol. 2, 2017, p.1813</i>

Fonte: A autora (2026)

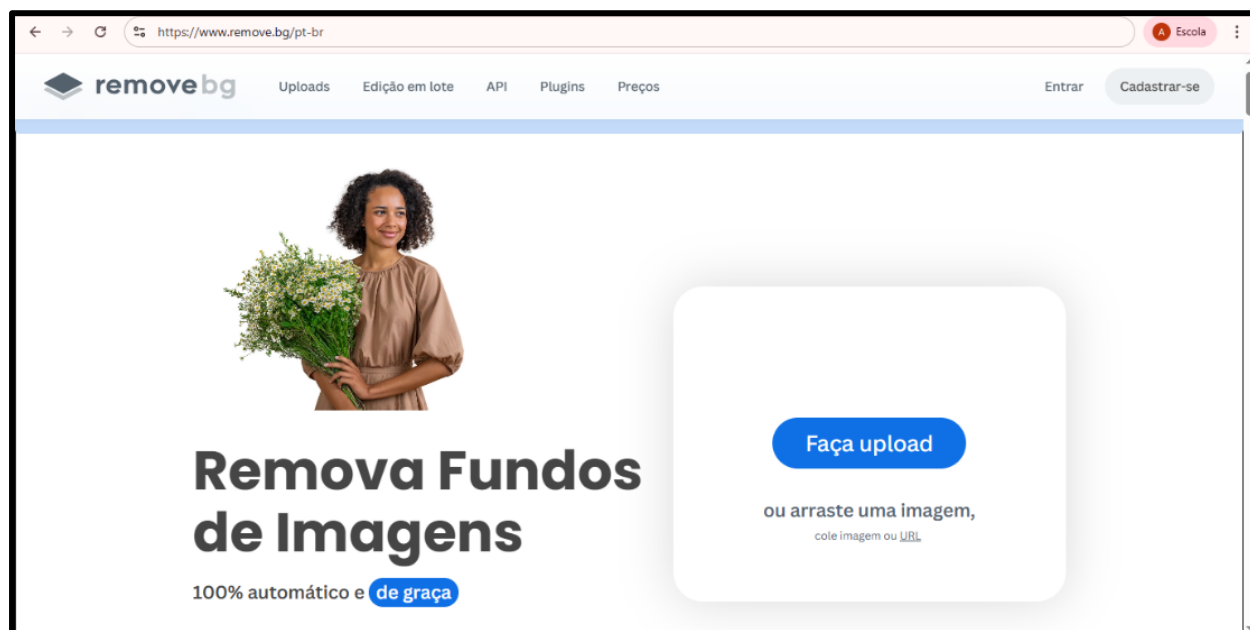
A escolha dessas duas obras se deu por sua ampla utilização no ensino e na difusão da Libras em diferentes regiões do Brasil, sendo um material didático de uso contínuo para o aprendizado da Libras, o que reforça a relevância de integrar suas contribuições no estudo, assegurando um diálogo entre fontes referenciais e reconhecidas nacionalmente, mencionados anteriormente como artefatos da cultura surda.

Os sinais selecionados foram reproduzidos pela própria pesquisadora, respeitando os parâmetros linguísticos da Libras, configuração de mão (CM), ponto de articulação (PA), orientação (OR), movimento (M) e expressões não manuais (ENM), conforme estabelecido em Quadros e Karnopp (2004).

Os registros das sinalizações foram realizados pela autora, com vestimenta preta para evidenciar melhor os sinais manuais, em uma sala com iluminação controlada e fundo neutro, sendo registradas com o uso de uma câmera digital para garantir clareza e fidelidade visual aos parâmetros.

Após a captura, as imagens foram editadas com o auxílio da ferramenta digital *remove.bg* (<https://www.remove.bg/pt-br>). O procedimento consistiu no envio da imagem selecionada por meio da opção “Faça upload”, o que permitiu a remoção automática do fundo e o consequente aprimoramento da qualidade visual e do contraste da imagem, com o objetivo de destacar os elementos relevantes de cada sinal. Esse mesmo procedimento foi aplicado de forma padronizada a todas as imagens registradas.

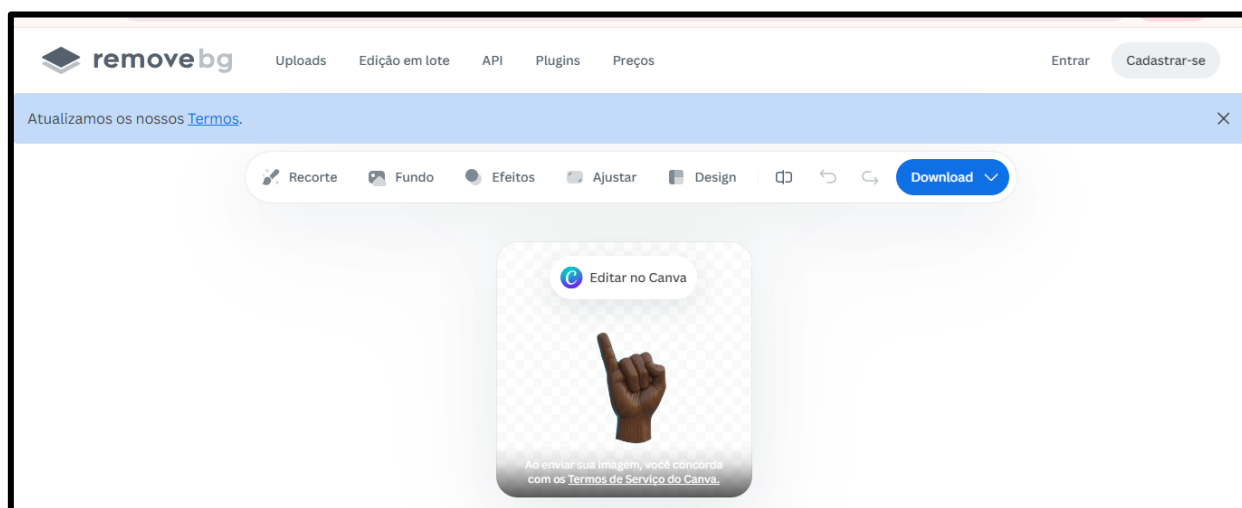
Figura 42 – Print da página da ferramenta de edição “removebr”



Fonte: <https://www.remove.bg/pt-br>

Uma vez inserida a imagem, a própria ferramenta inicia automaticamente o processo de tratamento visual, realizando a remoção do fundo de forma imediata. Ressalta-se que se trata de um recurso de acesso gratuito.

Figura 43 – Print da página da ferramenta de edição “removebr”



Fonte: <https://www.remove.bg/pt-br>

Em seguida, os registros fotográficos editados eram salvos e organizados nominalmente em uma única pasta, mantendo a correspondência entre o nome do arquivo e o verbo sinalizado. Essa forma de organização permitiu um acesso sistemático e facilitou a etapa posterior de inserção no word para análise e descrição.

Diferentemente das descrições apresentadas nas obras selecionadas, optou-se pela elaboração de descrições autorais para cada sinal, redigidas pela pesquisadora. Essas descrições seguem o padrão de estrutura textual adotado em cada obra de referência. Assim, os sinais exemplificados a partir do *Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais* foram descritos de forma objetiva, conforme o modelo apresentado na Figura 4, utilizando parâmetros como Configuração de Mão (CM), Ponto de Articulação (PA), Movimento (M), Orientação/Direção (O/D) e Expressões Não Manuais (ENM). Já os sinais provenientes do *Dicionário Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais*, vol. 1, foram descritos em formato textual contínuo, seguindo o padrão apresentado na Figura 6.

Considerando que algumas especificidades observadas nas obras consultadas apresentavam discrepâncias em relação à execução dos parâmetros linguísticos, não coincidindo integralmente com as definições nelas descritas, optou-se por descrever cada sinal com base na observação direta de sua produção e na análise dos cinco parâmetros linguísticos, assegurando fidelidade à forma visual registrada e precisão quanto à realização do sinal.

Os exemplos selecionados serão apresentados por meio de imagens ilustrativas acompanhadas de descrições correspondentes, nas quais se explicitam os parâmetros linguísticos que constituem cada sinal. A utilização das imagens não possui caráter meramente ilustrativo, mas assume papel central no processo analítico, uma vez que permite a observação direta da materialidade visual-espacial da Libras e dos elementos formais que sustentam a análise dos fenômenos da arbitrariedade e da iconicidade. Em seguida, será desenvolvida uma análise interpretativa de cada sinal, considerando as regularidades observadas e classificando-os entre manifestações de arbitrariedade e iconicidade, à luz dos fundamentos teóricos discutidos nas seções anteriores. Essa opção metodológica possibilita evidenciar os fenômenos recorrentes que permeiam os sinais analisados, favorecendo uma compreensão mais ampla da coexistência entre motivação visual e convenção linguística na Libras.

Todos os registros visuais utilizados na pesquisa foram produzidos exclusivamente pela autora, assegurando o cumprimento dos princípios éticos de autoria e uso das imagens. As fotografias possuem finalidade estritamente acadêmica e científica, sendo empregadas apenas para fins de análise linguística. Dessa forma, a metodologia adotada garante rigor técnico, coerência entre os objetivos propostos e o percurso investigativo, bem como fidelidade à natureza visual-espacial da Libras enquanto língua natural.

6 ARBITRARIEDADE E ICONICIDADE EM VERBOS DA LIBRAS

Conforme os procedimentos metodológicos apresentados anteriormente, o corpus desta pesquisa é constituído por quarenta sinais verbais da Língua Brasileira de Sinais (Libras), selecionados a partir de duas obras de ampla circulação e reconhecimento nacional: o *Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais – Libras* (Honora; Frizanco, 2021) e o *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos* (Capovilla, 2017). Os sinais selecionados foram reproduzidos e registrados fotograficamente pela própria pesquisadora e, posteriormente, descritos de forma autoral, com base nos parâmetros linguísticos da Libras.

A análise desenvolvida neste capítulo adota uma abordagem descritiva e interpretativa, fundamentada nos estudos de Saussure (2012), Fiorin (2003), Quadros e Karnopp (2004), Capovilla (2017) e Gesser (2009), que discutem a constituição do signo linguístico e a coexistência entre arbitrariedade e iconicidade nas línguas naturais e, de modo particular, nas línguas de sinais. O objetivo consiste em compreender de que maneira esses fenômenos se articulam na formação e no uso dos sinais verbais da Libras, evidenciando a relação entre motivação visual e convenção linguística que caracteriza uma língua de modalidade visual-espacial.

Os exemplos analisados serão apresentados por meio de imagens acompanhadas de suas respectivas descrições linguísticas, nas quais se explicitam os parâmetros que constituem cada sinal. A partir desse conjunto, será realizada uma análise geral e integradora, voltada à identificação de regularidades e distinções observadas entre os sinais no que se refere à presença de traços icônicos e arbitrários. Essa opção analítica evita a repetição de descrições individuais excessivamente fragmentadas e privilegia uma leitura comparativa e abrangente do fenômeno, permitindo evidenciar como arbitrariedade e iconicidade coexistem na constituição dos signos verbais da Libras, revelando a flexibilidade estrutural e a expressividade dessa língua natural.

6.1 Verbos com predominância arbitrária

- **Sinal de Conhecer** – Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1, 2021, p. 250



Descrição do sinal:

CM: mão em B, dedos afastados, polegar curvado

PA: tocando o queixo

M: aproximar e afastar, várias vezes

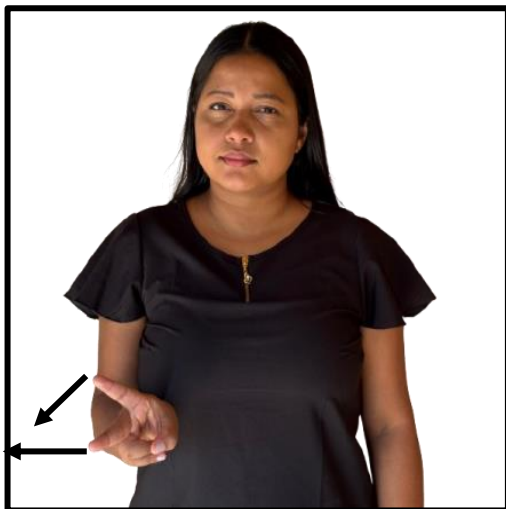
O: para o lado; **D:** para fora e para dentro

ENM: neutra

Análise: O sinal de *conhecer* expressa um conceito abstrato relacionado a processos cognitivos. Seus parâmetros linguísticos, configuração de mão, ponto de articulação, movimento e orientação, não estabelecem uma relação imagética direta e transparente com o significado expresso. Ainda que o ponto de articulação seja no queixo, localizado na região da cabeça, e possa sugerir, de forma ampla, uma associação cultural ao pensamento, tal relação não é suficiente para permitir a inferência do significado apenas pela observação da forma do sinal.

De acordo com o princípio da arbitrariedade do signo linguístico proposto por Saussure (2012), o vínculo entre significante e significado é fruto de convenção social, e não de semelhança perceptível. Corroborando Quadros (2004), a forma do sinal não possibilita prever seu significado sem o conhecimento prévio da língua. Assim, o sinal *conhecer* caracteriza-se como predominantemente arbitrário, tendo seu sentido construído e validado no uso coletivo da comunidade surda, conforme a perspectiva de Benveniste (1991).

- **Sinal de *Continuar*** – *Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1, 2021, p. 251:*



Descrição do sinal:

CM: mão em “V”

PA: à frente do corpo

M: dobrar o pulso

O: para o lado; **D:** para cima, para baixo e para frente

ENM: neutra

Análise: O sinal de *continuar* representa um conceito abstrato relacionado à noção temporal de continuidade. Seus parâmetros não mantêm relação imagética direta com o evento ou ação que se prolonga no tempo. Embora o sinal envolva movimento, esse movimento não reproduz visualmente a noção de duração ou permanência, funcionando como uma marca linguística convencional.

À luz da teoria saussuriana, observa-se que o vínculo entre significante e significado não é motivado por semelhança perceptível, mas estabelecido por convenção social (Saussure, 2012). Conforme aponta Quadros (2004), dada a forma do sinal, é impossível prever seu significado sem conhecimento prévio da língua. Dessa forma, o sinal *continuar* configura-se como um signo arbitrário, cujo sentido se estabiliza no uso linguístico compartilhado, conforme a concepção relacional do signo defendida por Benveniste (1991).

- **Sinal de *Conversar*** – *Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1, 2021, p. 251*



Descrição do sinal:

CM: mão não dominante em “S”. Mão dominante em “B”.

PA: espaço neutro. Mão dominante tocando o dorso da mão não dominante

M: circular

O: mão não dominante em “S”, para baixo. Mão dominante em “B”, para baixo, em cima da mão não dominante; **D:** sentido horário.

ENM: neutra

Análise: O sinal de *conversar* expressa um processo relacional e interacional de natureza abstrata. Apesar de envolver movimento circular das mãos, seus parâmetros não estabelecem uma correspondência visual direta com a dinâmica real de uma conversação. O movimento realizado não representa de forma imagética o ato comunicativo em si, mas opera como um elemento simbólico da língua.

Conforme o princípio da arbitrariedade do signo linguístico (Saussure, 2012), a forma do sinal não explica o conceito que representa. Tal como destaca Quadros (2004), o significado do sinal não pode ser inferido apenas pela observação de sua forma. Assim, o sinal *conversar* caracteriza-se como arbitrário, sendo compreendido apenas no interior do sistema linguístico da Libras e na experiência social de seus usuários, conforme a perspectiva de Benveniste (1991).

- **Sinal de *Crer*** – *Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1, 2021, p. 253*



Descrição do sinal:

CM: mãos em “B” com polegares estendidos

PA: mão não dominante em frente a barriga; mão dominante tocando a testa

M: reto, aproximando a mão dominante para a mão não dominante

O: Mão não dominante para cima; mão dominante para baixo. **D:** de cima para baixo.

ENM: neutra

Análise: O sinal de *crer* expressa um conceito abstrato de natureza cognitiva e subjetiva, relacionado à crença e à convicção. Seus parâmetros, configuração de mão aberta, ponto de articulação na testa, movimento de aproximação e orientação para baixo, não estabelecem uma relação imagética direta e transparente com o conceito de crença. Embora o ponto de articulação na região da cabeça possa sugerir, de maneira ampla, uma associação cultural com processos mentais, tal relação não permite que o significado do sinal seja deduzido exclusivamente a partir de sua forma.

Conforme o princípio da arbitrariedade do signo linguístico, o vínculo entre significante e significado é estabelecido por convenção social e não por semelhança perceptível (Saussure, 2012). Tal como aponta Quadros (2004), a forma do sinal não possibilita prever seu significado sem conhecimento prévio da língua. Assim, o sinal *crer*

caracteriza-se como arbitrário, tendo seu sentido construído e validado na prática social e linguística da comunidade surda, conforme a perspectiva de Benveniste (1991).

- **Sinal de *Cuidar*** – *Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1, 2021, p. 253*



Descrição do sinal:

CM: mão dominante em “V”; mão não dominante em “D”

PA: mão dominante tocando o pulso da mão não dominante

M: reto, aproximar e afastar

O: mão dominante para frente; mão não dominante para baixo na horizontal

ENM: neutra

Análise: O sinal de *cuidar* expressa uma noção abstrata relacionada à responsabilidade e à atenção. Seus parâmetros fonológicos não representam visualmente as ações concretas envolvidas no ato de cuidar, funcionando como marcas simbólicas convencionadas pela comunidade linguística. Não há, portanto, uma relação de semelhança perceptível entre a forma do sinal e o significado que ele expressa.

Essa ausência de motivação icônica direta confirma o princípio da arbitrariedade do signo linguístico, conforme formulado por Saussure (2012). De acordo com Quadros (2004), a impossibilidade de prever o significado a partir da forma evidencia o caráter arbitrário do sinal. Assim, o sentido do sinal *cuidar* é construído na prática social e linguística da Libras, em consonância com a concepção de signo defendida por Benveniste (1991).

- **Sinal de *Demorar*** – *Livro 254 Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1, 2021, p. 254*



Descrição do sinal:

CM: mão aberta

PA: tocando o queixo

M: fechar os dedos um a um

O: para o lado

ENM: neutra

Análise: O sinal de *demorar* refere-se a um conceito abstrato ligado à percepção temporal. Seus parâmetros fonológicos não estabelecem correspondência visual direta com a noção de duração ou atraso, não representando imageticamente o tempo transcorrido. Assim, a relação entre forma e significado não é motivada por semelhança perceptível.

À luz do princípio da arbitrariedade do signo linguístico (Saussure, 2012), observa-se que o significado do sinal decorre de convenção social. Conforme Quadros (2004), o valor semântico do sinal não pode ser deduzido a partir de sua forma isolada. O sinal *demorar*, portanto, configura-se como um signo arbitrário da Libras, cujo sentido se constrói na prática social da comunidade surda, conforme a perspectiva de Benveniste (1991).

- **Sinal de *Evitar*** – *Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1, 2021, p.260*



Descrição dos sinais:

CM: mão em “Y”

PA: tocando a têmpora com o polegar

M: girar o pulso em arco para fora

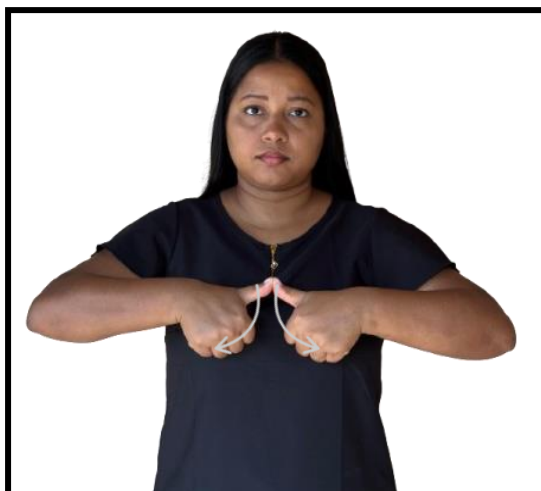
O: para baixo e para fora

ENM: neutra0

Análise: O sinal de *evitar* corresponde a um conceito abstrato relacionado à intenção e à prevenção. Embora apresente movimento e configuração de mão semelhantes a outros sinais, esses elementos não estabelecem uma relação imagética direta com o significado expresso. A forma do sinal não permite inferir o conceito de esquiva ou afastamento apenas pela observação visual.

Esse fato confirma o caráter arbitrário do sinal, conforme o princípio saussuriano de que o vínculo entre significante e significado é imotivado e sustentado pela convenção social (Saussure, 2012). Conforme argumenta Quadros (2004), a relação entre forma e significado nas línguas de sinais é tão arbitrária quanto nas línguas orais. O sinal *evitar*, portanto, exemplifica um signo imotivado da Libras, cujo sentido se constrói e se mantém no uso coletivo da comunidade surda, conforme a perspectiva de Benveniste (1991).

- **Sinal de *Estar*** – *Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1, 2021, p.260*



Descrição do sinal:

CM: mãos em “A”, unidas pelos polegares

PA: à frente do corpo

M: afastar para os lados opostos

O: palmas para dentro

ENM: neutra

Análise: O sinal de *estar* representa um conceito gramatical e abstrato, relacionado à condição ou estado transitório. Seus parâmetros fonológicos não estabelecem relação imagética direta com o significado expresso, não havendo representação visual da noção de estado ou condição. Assim, a forma do sinal não decorre de semelhança perceptível com o conceito que expressa.

Segundo o princípio da arbitrariedade do signo linguístico, o vínculo entre forma e significado é resultado de convenção social (Saussure, 2012). Conforme destaca Quadros (2004), o significado de sinais gramaticais e verbais abstratos não pode ser deduzido a partir de sua forma. Dessa maneira, o sinal *estar* configura-se como um signo arbitrário, cuja interpretação depende do conhecimento linguístico compartilhado pela comunidade surda, em consonância com Benveniste (1991).

- **Sinal de *Faltar*** – *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, Vol. 2, 2017, p.1255*



Descrição do sinal:

CM: mão dominante em “Y”; mão não dominante em “S”

PA: tocando o dorso da mão não dominante

M: para frente

O: mão dominante para a frente; mão não dominante para baixo. **D:** de trás para frente

ENM: neutra

Análise: O sinal de *faltar* refere-se a um conceito abstrato relacionado à noção de ausência. Seus parâmetros fonológicos, configuração de mão em Y, ponto de articulação no dorso da mão oposta, movimento em arco e orientação para a frente, não estabelecem uma relação imagética direta com o significado expresso. A forma do sinal não representa visualmente a ideia de ausência ou de não realização, impossibilitando a inferência do significado apenas pela observação de seus elementos formais.

À luz do princípio da arbitrariedade do signo linguístico, conforme formulado por Saussure (2012), o vínculo entre significante e significado não é motivado por semelhança perceptível, mas por convenção social. Conforme argumenta Quadros (2004), dada a forma do sinal, não é possível prever seu significado sem o conhecimento prévio da língua. Dessa forma, o sinal *faltar* configura-se como um signo predominantemente arbitrário da Libras, cujo sentido se constrói e se mantém no uso coletivo da comunidade surda, em consonância com a concepção relacional do signo defendida por Benveniste (1991).

- **Sinal de *Fazer*** – *Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1, 2021, p. 262*



Descrição do sinal:

CM: mãos em “A”, unidas pelas unhas dos polegares

PA: à frente do corpo

M: aproximar e afastar, várias vezes

O: mão dominante para baixo e mão não dominante para cima

ENM: neutra

Análise: O sinal de *fazer* expressa um conceito altamente abstrato e polissêmico, relacionado à execução de ações de natureza diversa. Seus parâmetros fonológicos não estabelecem relação imagética direta com nenhuma ação específica, funcionando como um signo de valor amplo dentro do sistema linguístico da Libras.

De acordo com Saussure (2012), a arbitrariedade do signo linguístico manifesta-se de forma mais evidente em conceitos abstratos, como os verbos de ação genérica. Conforme Quadros (2004), a forma do sinal não permite prever seu significado sem conhecimento prévio da língua. Assim, o sinal *fazer* caracteriza-se como arbitrário, tendo

seu sentido estabilizado pelo uso social e linguístico, conforme a concepção de signo defendida por Benveniste (1991).

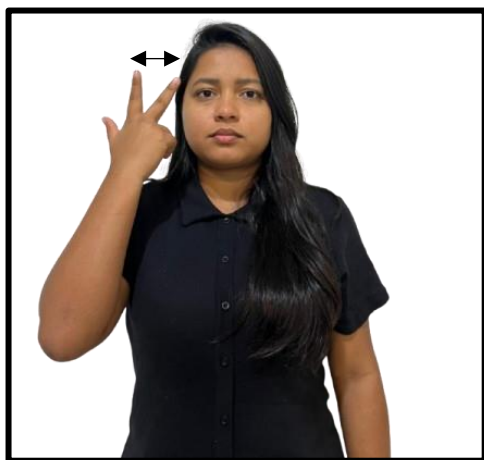
- **Sinal de Aconselhar** – *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, Vol. 1, 2017, p.89.*



Descrição do sinal: Mão não dominante horizontal aberta com dedos unidos, palma para o lado, com polegar distendido para o mesmo lado. Mão dominante horizontal aberta com dedos unidos, palma para o lado contrário, tocando a região entre o polegar e o indicador da mão não dominante. Polegar da mão dominante tocando o dorso da mão não dominante. Mover a mão dominante para frente até a ponta dos dedos da mão não dominante duas vezes.

Análise: O sinal de *aconselhar* expressa um processo abstrato de orientação e sugestão, relacionado a práticas discursivas e cognitivas. Seus parâmetros (configuração de mão, ponto de articulação, movimento e orientação) não apresentam uma relação imagética direta com o ato de aconselhar. O gesto não reproduz visualmente o conteúdo semântico do verbo, tampouco permite que seu significado seja inferido apenas pela observação da forma do sinal.

- **Sinal de Normalizar** – *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, Vol. 2, 2017, p.1954*



Descrição do sinal: Dedos polegar, indicador e médio levantados, palma para trás. Dedo indicador abrindo e fechando na t êmpora.

Análise: O sinal de *normalizar* refere-se a um processo abstrato de adequação ou padronização, não associado a uma ação física concreta. Seus parâmetros fonológicos não

estabelecem correspondência visual direta com o conceito representado, uma vez que o movimento e a configuração de mão não reproduzem imageticamente o processo de tornar algo normal.

Dessa forma, o sinal exemplifica a arbitrariedade linguística descrita por Saussure (2012), em que o vínculo entre forma e sentido é fruto de convenção social. Conforme Quadros (2004), não é possível inferir o significado do sinal a partir de sua forma isolada. O sentido do verbo normalizar, portanto, constrói-se no interior do sistema linguístico da Libras e na prática social de seus usuários, conforme a perspectiva de Benveniste (1991).

- **Sinal de Faltar** – *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, Vol. 2, 2017, p.1255*



Descrição do sinal: Mão não dominante horizontal em “S”, palma para baixo. Mão dominante em “Y”, atrás da mão não dominante, palma para baixo. Mover a mão dominante para frente, passando os dedos em cima do dorso da mão não dominante.

Análise: O sinal de *faltar* expressa a noção abstrata de ausência ou insuficiência. Seus parâmetros fonológicos não mantêm relação imagética direta com o conceito de ausência, pois o movimento realizado não representa visualmente a ideia de algo que não está presente. Assim, a forma do sinal não permite inferir seu significado de maneira transparente.

Segundo o princípio da arbitrariedade do signo linguístico (Saussure, 2012), o significado do sinal é resultado de convenção social. Quadros (2004) ressalta que, na Libras, assim como nas línguas orais, a relação entre forma e significado é arbitrária. O sinal *faltar* configura-se, portanto, como predominantemente arbitrário, validado pelo uso coletivo da comunidade surda, conforme a abordagem relacional de Benveniste (1991).

- **Sinal de Mentir** – *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, Vol. 2, 2017, p.1829*

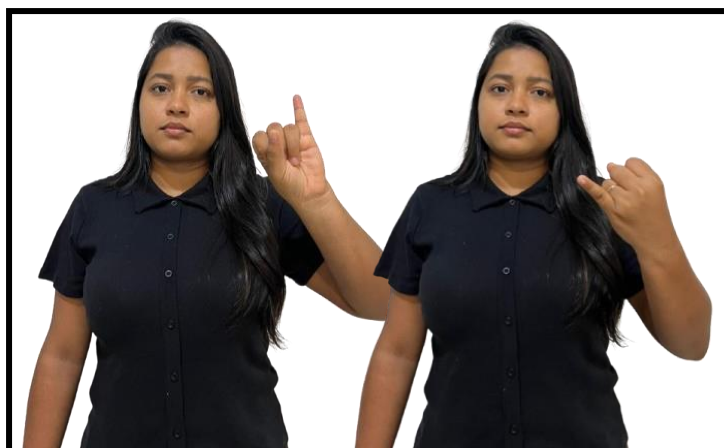


Descrição do sinal: Mão em “X”, palma para o lado, em frente o nariz. Balançar a mão para direita e para a esquerda repetidamente.

Análise: O sinal de *mentir* refere-se a um comportamento discursivo e ético de natureza abstrata. Seus parâmetros fonológicos não reproduzem visualmente o ato de mentir, nem estabelecem uma relação imagética clara com o conceito expresso. O gesto funciona como uma marca linguística convencional, cujo significado não é dedutível pela observação da forma.

De acordo com Saussure (2012), a arbitrariedade do signo linguístico implica que não há vínculo natural entre significante e significado. Conforme aponta Quadros (2004), a compreensão do sinal depende do conhecimento prévio da língua. Assim, o verbo mentir caracteriza-se como um signo predominantemente arbitrário, cujo sentido se estabiliza no uso social compartilhado, conforme a concepção de Benveniste (1991).

- **Sinal de Aproveitar** – *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, Vol. 1, 2017, p. 247*



Descrição do sinal: Mão em “I”, palma para frente. Mover a mão ligeiramente para baixo, virando a palma para trás.

Análise: O sinal de *aproveitar* expressa um processo cognitivo e avaliativo relacionado à tomada de decisão. Seus parâmetros fonológicos não apresentam relação imagética direta com o significado do verbo, uma vez que o movimento e a configuração de mão não representam visualmente a ação de aproveitar.

À luz da teoria saussuriana, observa-se que o vínculo entre forma e significado é arbitrário e convencional (Saussure, 2012). Conforme Quadros (2004), a forma do sinal não permite prever seu significado. Assim, o sinal aproveitar configura-se como predominantemente arbitrário, tendo seu sentido construído e validado no uso social da Libras, conforme Benveniste (1991).

- **Sinal de Brincar** – *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, Vol. 1, 2017, p. 465*

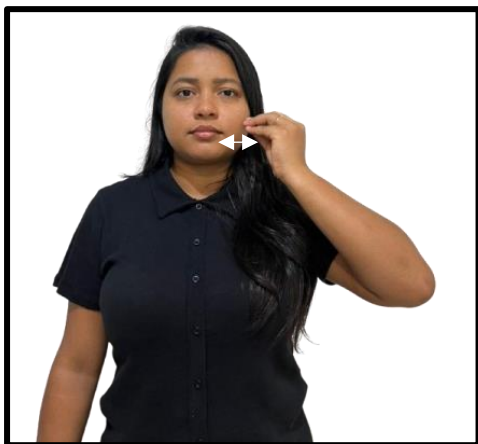


Descrição do sinal: Mãos em “Y”, palmas para trás, próximas. Movê-las em círculos verticais para frente alternadamente.

Análise: O sinal de *brincar* refere-se a uma atividade social e comportamental, porém não estabelece uma representação visual direta da ação lúdica em si. Seus parâmetros fonológicos não reproduzem de maneira transparente as múltiplas formas de brincar, funcionando como um signo linguístico convencional.

De acordo com Saussure (2012), a arbitrariedade caracteriza-se pela ausência de relação natural entre forma e significado. Conforme Quadros (2004), o significado do sinal só pode ser compreendido dentro do sistema linguístico. Assim, o sinal brincar apresenta predominância arbitrária, sendo compreendido e validado no uso coletivo da comunidade surda, conforme Benveniste (1991).

- **Sinal de Tentar** – *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos*, 2017, Vol. 3, p. 2687



Descrição do sinal: Ponta dos dedos unidas, tocando a bochecha duas vezes.

Análise: O sinal de *tentar* expressa um processo cognitivo abstrato. Seus parâmetros fonológicos não estabelecem uma relação imagética direta com a ação de tentar, pois o gesto não representa visualmente o esforço mental ou a intenção envolvidos no conceito.

Segundo Saussure (2012), o vínculo entre significante e significado é arbitrário. Conforme Quadros (2004), a forma do sinal não permite inferir seu sentido. Assim, o sinal tentar caracteriza-se como predominantemente arbitrário, tendo seu significado estabilizado no uso linguístico compartilhado, conforme Benveniste (1991).

- **Sinal de Ter** – *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos*, Vol. 3, 2017, p.2689



Descrição do sinal: Mão em “L”, palma para baixo. Tocar a ponta do polegar no peito, duas vezes.

Análise: O sinal de *ter* expressa uma noção abstrata de posse ou existência. Seus parâmetros fonológicos não mantêm relação imagética direta com o conceito de possuir, funcionando como uma forma simbólica convencional.

À luz da teoria saussuriana (2012), observa-se a arbitrariedade do signo, uma vez que a forma do sinal não explica o conceito que representa. Conforme Quadros (2004), o significado só se consolida no interior do sistema linguístico. Assim, o sinal tem uma predominância arbitrária, validado pelo uso social da Libras, conforme Benveniste (1991).

- **Sinal Conseguir** – *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, Vol. 1, 2017, p.754*

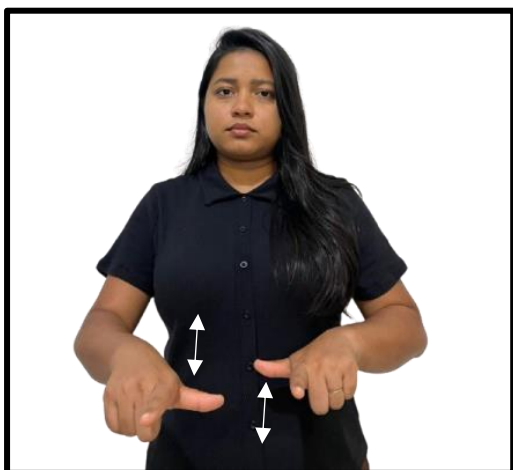


Descrição do sinal: Mão em “L”, palma para frente, na lateral do rosto. Mover a mão para frente, passando a ponta do polegar na bochecha.

Análise: O sinal de *conseguir* expressa um resultado abstrato relacionado à realização ou êxito. Seus parâmetros fonológicos não reproduzem visualmente o processo de alcançar um objetivo, funcionando como um signo linguístico convencional.

Conforme Saussure (2012), a relação entre significante e significado é arbitrária. Quadros (2004) destaca que a forma do sinal não permite prever seu sentido. Assim, o verbo conseguir caracteriza-se como predominantemente arbitrário, com significado estabilizado no uso social, conforme Benveniste (1991).

- **Sinal de Trabalhar** – *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, Vol. 3, 2017, p. 2732*



Descrição do sinal: Mãos em “L”, palma para baixo. Movê-las para frente e para trás, alternadamente.

Análise: O sinal de *trabalhar* refere-se a uma atividade ampla e abstrata, que não se limita a uma ação física específica. Seus parâmetros fonológicos não estabelecem correspondência visual direta com o conceito de trabalho, funcionando como uma convenção linguística.

À luz do princípio da arbitrariedade (Saussure, 2012), observa-se que o significado do sinal não decorre de sua forma. Conforme Quadros (2004), a compreensão do sinal depende do conhecimento da língua. Assim, trabalhar configura-se como um signo predominantemente arbitrário, validado no uso coletivo da comunidade surda, conforme Benveniste (1991).

À luz do princípio da arbitrariedade do signo linguístico (Saussure, 2012), observa-se que a relação entre significante e significado é convencional, estabelecida socialmente pela comunidade surda. Conforme destaca Quadros (2004), a forma do sinal não possibilita prever seu significado sem o conhecimento prévio da língua. Assim, o sinal aconselhar caracteriza-se como predominantemente arbitrário, tendo seu sentido estabilizado no uso coletivo, conforme a concepção relacional de signo defendida por Benveniste (1991).

Nos sinais exemplificados como arbitrários, observa-se a ausência de relação perceptível entre forma e significado. Esses verbos apresentam configurações de mão, movimentos e pontos de articulação que não remetem diretamente à ação ou conceito representado, dependendo da convenção social para que seu significado seja reconhecido.

A análise dos exemplos selecionados demonstra que, mesmo em uma língua visual, a arbitrariedade é essencial para a comunicação, permitindo a construção de signos simbólicos e culturalmente compartilhados. Alguns sinais apresentam arbitrariedade relativa, com traços motivados parcialmente evocando a ação (como certos verbos derivados de gestos concretos), enquanto outros são absolutamente arbitrários, não remetendo visualmente ao referente de forma alguma.

Essas observações confirmam que a Libras, embora frequentemente associada à iconicidade, mantém a arbitrariedade como princípio estruturante, assegurando estabilidade, flexibilidade e padronização na língua.

6.2 Verbos com predominância icônica

- **Sinal de *Abraçar*** – *Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1, 2021, p. 241*



Descrição do sinal:

CM: mãos em “C”

PA: tocando os ombros com os braços cruzados

M: sem movimento

O: palmas para dentro

ENM: neutra

Análise: O sinal de *abraçar* apresenta uma configuração em que ambos os braços se deslocam em direção ao corpo, envolvendo o tronco do sinalizante. Esse movimento remete diretamente ao gesto físico de abraçar alguém, reproduzindo de forma imagética a ação de envolver o outro com os braços. A iconicidade manifesta-se, portanto, na semelhança entre o gesto linguístico e a ação cotidiana representada, uma vez que o sinal simula corporalmente o contato físico característico do ato de abraçar. Trata-se de um exemplo de iconicidade motora, em que o corpo do sinalizante funciona como suporte representacional da ação verbal.

- **Sinal de *Abrir*** – *Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1, 2021, p. 241*



Descrição do sinal:

CM: mãos em “B”

PA: à frente do corpo

M: girar o pulso para trás de uma das mãos

O: palmas para frente

ENM: neutra

Análise: No sinal de *abrir*, as mãos partem de uma posição inicial unida ou próxima e se afastam lateralmente, realizando um movimento de separação. Esse deslocamento espacial evoca visualmente a ação de abrir portas, janelas ou recipientes. A iconicidade do sinal reside na correspondência direta entre o movimento das mãos e o resultado da ação no mundo real: a passagem de um estado fechado para um estado aberto. Assim, a motivação icônica é construída a partir da representação espacial do processo de abertura.

- **Sinal de *Afastar*** – *Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1, 2021, p. 243*



Descrição do sinal:

CM: mãos em “B” com polegares estendidos, dorsos unidos, um virado a outro

PA: à frente do corpo

M: afastar

O: uma mão para fora e outra para dentro

ENM: neutra

Análise: O sinal de *afastar* caracteriza-se por um movimento em que a mão ou as mãos se deslocam para longe do corpo ou de um ponto de referência no espaço de sinalização. Esse gesto reproduz a ação de empurrar algo para longe ou criar distância entre dois elementos. A iconicidade está na relação direta entre o movimento de afastamento realizado pelo sinalizante e o conceito semântico do verbo, evidenciando uma correspondência visual entre forma e significado.

- **Sinal de *Andar*** – *Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1, 2021, p. 243*



Descrição do sinal:

CM: mão em “V”, apontada para baixo

PA: à frente do corpo

M: movimentar os dedos alternadamente

O: palma para dentro

ENM: neutra

Análise: O sinal de *andar* apresenta movimento alternado das mãos ou dos dedos, simulando o deslocamento rítmico dos pés durante a caminhada. Essa representação icônica reproduz visualmente a dinâmica do caminhar, transferindo para o espaço de sinalização um padrão de movimento corporal associado à ação. A iconicidade manifesta-se na analogia entre o movimento repetitivo do sinal e a sequência de passos realizada pelo corpo humano ao andar.

- **Sinal de *Anotar*** – *Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, 2021, Vol. 1, p. 244*



Descrição do sinal:

CM: mão dominante fechada com dedos polegar e indicador unidos e estendidos

PA: tocando a palma da mão não dominante virada para cima

M: reto, da palma para os dedos

O: mão dominante para baixo e mão não dominante para cima

ENM: neutra

Análise: No sinal de *anotar*, uma das mãos assume o papel de base, representando um papel ou caderno, enquanto a outra mão executa movimentos curtos e repetitivos, semelhantes ao ato de escrever. A iconicidade decorre da simulação direta da prática cotidiana de registrar informações por meio da escrita. Assim, o sinal constrói sua motivação icônica a partir da representação gestual de um instrumento culturalmente associado à ação de anotar.

- **Sinal de *Bater*** – *Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1, 2021, p. 246*



Descrição do sinal:

CM: mão dominante em “S”; mão não dominante em “B”.

PA: tocar a palma da mão não dominante

M: aproximar

O: mão dominante para dentro na horizontal e mão não dominante para o lado na horizontal

ENM: neutra

Análise: O sinal de *bater* é realizado por meio de um movimento rápido e firme de uma mão em direção à outra ou a um ponto específico no espaço. Esse gesto remete à ação física de golpear ou tocar algo com força. A iconicidade está na reprodução do impacto e da direcionalidade do movimento, permitindo que o observador reconheça visualmente a ação representada. O sinal apresenta, portanto, uma relação direta entre gesto e evento motor.

- **Sinal de *Beber*** – *Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1, 2021, p. 247*



Descrição do sinal:

CM: mão em “A”, polegar estendido

PA: em frente a boca

M: reto

O: palma para dentro; **D:** fora para dentro

ENM: neutra

Análise: No sinal de *beber*, a mão assume uma configuração que sugere o formato de um copo ou recipiente e é levada à boca. Essa articulação espacial estabelece uma correspondência clara com o ato de ingerir líquidos. A iconicidade se constrói pela simulação do gesto cotidiano de beber, em que a forma da mão e o ponto de articulação (a boca) reforçam a semelhança com o referente da ação verbal.

- **Sinal de *Beijar*** – *Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1, 2021, p. 247*



Descrição do sinal:

CM: mão com as pontas dos dedos juntas

PA: bochecha

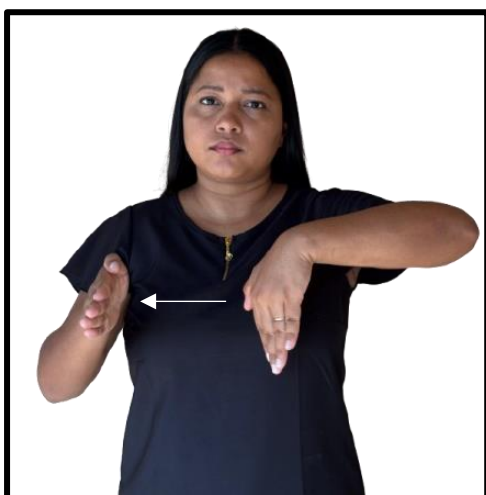
M: aproxima

O: palma para dentro

ENM: neutra

Análise: O sinal de *beijar* é realizado com a mão ou os dedos direcionados à região da boca, seguida de um movimento em direção ao outro ou ao espaço à frente. Esse gesto remete ao contato labial característico do beijo. A iconicidade manifesta-se na associação direta entre o ponto de articulação (boca) e a ação representada, permitindo que o sinal reproduza simbolicamente um comportamento afetivo humano reconhecível.

- **Sinal de *Chutar*** – *Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, Vol. 1, 2021, p. 248*



Descrição do sinal:

CM: mãos em “B”

PA: em frente o corpo; mão dominante tocar a palma da mão não dominante

M: aproximar

O: mão dominante na vertical virado para baixo com orientação para trás; mão não dominante na horizontal virado para trás

ENM: neutra

Análise: O sinal de *chutar* utiliza um movimento abrupto que simula o impulso de uma perna ao atingir um objeto. Embora executado com as mãos, o sinal reproduz visualmente a dinâmica do chute, transferindo para o espaço de sinalização uma ação corporal realizada originalmente com os membros inferiores. A iconicidade está na analogia entre o movimento gestual e o evento motor do chute, evidenciando a flexibilidade representacional da Libras.

- **Sinal de *Cortar*** – *Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais, 2021, Vol. 1, p. 252*



Descrição do sinal:

CM: mão em “V”

PA: à frente do corpo

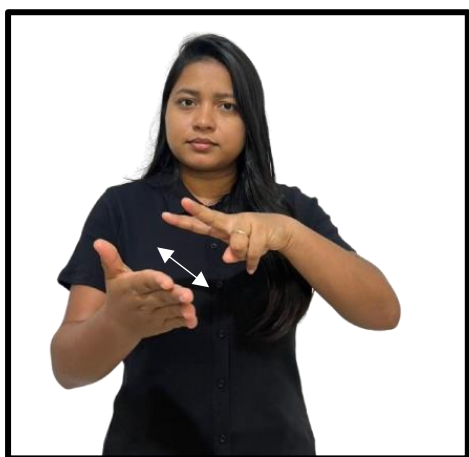
M: unir e afastar os dedos

O: palma para trás na horizontal

ENM: neutra

Análise: No sinal de *cortar*, a mão dominante executa um movimento linear ou de pressão sobre a outra mão ou sobre um ponto específico, evocando o uso de instrumentos cortantes, como facas ou tesouras. A iconicidade reside na reprodução do gesto de separação física de um objeto em partes. O movimento e a direcionalidade do sinal remetem diretamente à ação de cortar, estabelecendo uma relação imagética clara entre forma e significado.

- **Sinal de Ler** – *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, Vol.2, 2017, p. 1659*



Descrição do sinal: Mão não dominante aberta, com dedos unidos e polegar estendido, a frente do corpo com palma para trás. Mão dominante em “V”, palma para baixo, acima da mão não dominante. Movê-la para baixo e para cima duas vezes.

Análise: O sinal de *ler* apresenta uma relação de semelhança visual com a ação que representa. O movimento sequencial das mãos remete ao acompanhamento linear de um texto, simulando o deslocamento do olhar durante a leitura. Essa correspondência entre gesto e ação cotidiana evidencia a motivação icônica do sinal. Conforme Carmozine (2012), sinais icônicos utilizam referências visuais do significado para se constituírem.

- **Sinal de Entrar** – *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, 2017, Vol. 2, p.1102*

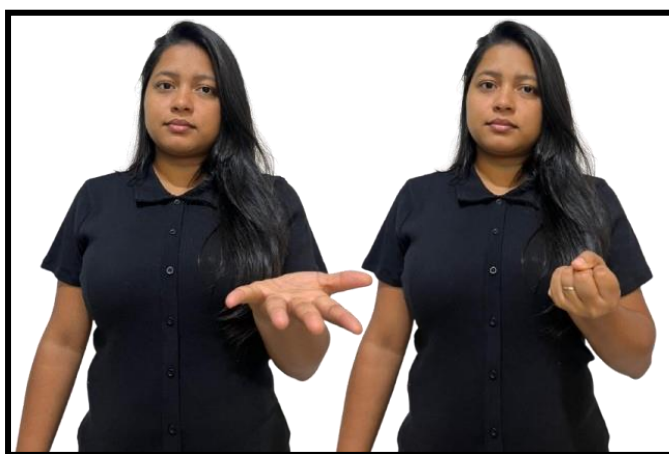


Descrição do sinal: Mão não dominante aberta com dedos unidos na horizontal, palma para baixo. Mão dominante aberta com dedos unidos e polegar estendido, palma para o lado, em cima da mão não dominante. Movê-la para frente, passando o dedo mínimo sobre o dorso da mão não dominante.

Análise: O sinal de *entrar* caracteriza-se por um movimento direcional que simula o deslocamento de um corpo para o interior de um espaço. Essa representação espacial estabelece uma relação imagética direta com a ação representada, configurando a iconicidade do sinal.

A semelhança entre o gesto linguístico e a ação física reforça o caráter icônico do verbo, conforme discutido por Carmozine (2012). Contudo, conforme Benveniste (1991), o significado do sinal se estabiliza no interior do sistema linguístico da Libras.

- **Sinal Receber** – *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos*, 2017, Vol.3, p. 2393



Descrição do sinal: Mão aberta palma para cima, a frente do corpo. Mover a mão para trás, em direção ao corpo, fechando-a em “S”, na horizontal.

Análise: O sinal de *receber* apresenta um movimento de aproximação das mãos em direção ao corpo, remetendo à ação de acolher ou tomar algo para si. Essa correspondência entre gesto e ação cotidiana evidencia a motivação icônica do sinal.

A iconicidade manifesta-se na semelhança visual entre o movimento realizado e o conceito representado. Ainda assim, conforme Benveniste (1991), o signo só adquire sentido pleno no uso social compartilhado.

- **Sinal de Responder** – *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos*, Vol.3, 2017, p. 2442



Descrição do sinal: Mão em “R” em frente a boca na vertical. Mover a mão para frente.

Análise: O sinal de *responder* envolve um movimento que sugere a emissão de algo em direção ao interlocutor, remetendo simbolicamente ao ato comunicativo de resposta. Essa relação espacial contribui para a motivação icônica do sinal.

Embora apresente semelhança com a ação comunicativa, o sinal opera dentro do sistema linguístico da Libras, em que a iconicidade atua como recurso expressivo, conforme discutido por Quadros (2004) e Benveniste (1991).

- **Sinal de Lavar** – *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, Vol. 2, 2017, p. 1651*



Descrição do sinal: Mãos não dominante em “A”, palma para cima. Mão dominante em A, palma para baixo, tocando a mão não dominante. Esfregas as mãos.

Análise: O sinal de *lavar* reproduz gestualmente o movimento de fricção característico da ação de lavar. Essa simulação direta da ação cotidiana estabelece uma relação de semelhança entre forma e significado, evidenciando a iconicidade do sinal.

Conforme Carmozine (2012), trata-se de um sinal icônico por representar visualmente a ação a que se refere, ainda que seu valor linguístico dependa do uso social, conforme Benveniste (1991).

- **Sinal de Subir** – *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, Vol. 3, 2017, p. 2626*

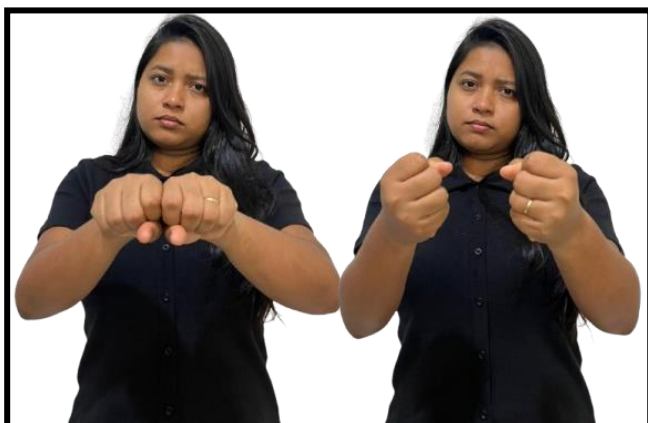


Descrição do sinal: Mão em “V”, palma para frente inclinada para baixo. Mover a mão para cima, levantando e abaixando os dedos médio e indicador alternadamente.

Análise: O sinal de *subir* caracteriza-se por um movimento ascendente no espaço de sinalização, remetendo diretamente à ação de deslocamento para cima. Essa correspondência espacial estabelece a motivação icônica do sinal.

A iconicidade manifesta-se na semelhança entre o movimento realizado e o conceito representado, conforme discutido por Martelotta (2020). Ainda assim, o signo se insere no sistema linguístico da Libras, conforme Benveniste (1991).

- **Sinal de Quebrar** – *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, Vol. 3, 2017, p. 2364*

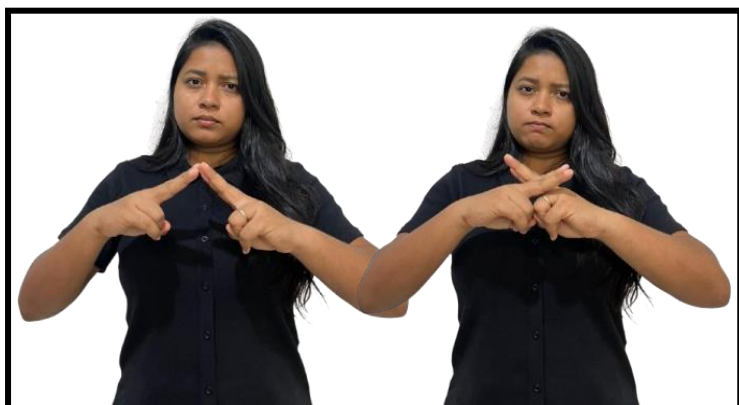


Descrição do sinal: Mãos em “S”, palmas para baixo, em contato pelos indicadores. Afastar ligeiramente as mãos, virando-as com as palmas voltadas entre si.

Análise: O sinal de *quebrar* envolve um movimento que simula a separação ou ruptura de um objeto. Essa representação gestual estabelece uma relação imagética direta com a ação física de quebrar.

Trata-se de um exemplo de iconicidade motora, em que o gesto reproduz aspectos perceptíveis da ação cotidiana, conforme Carmozine (2012). Contudo, o significado do sinal se consolida no uso linguístico compartilhado, conforme Benveniste (1991).

- **Sinal de Lutar** – *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, Vol. 2, 2017, p. 1718.*

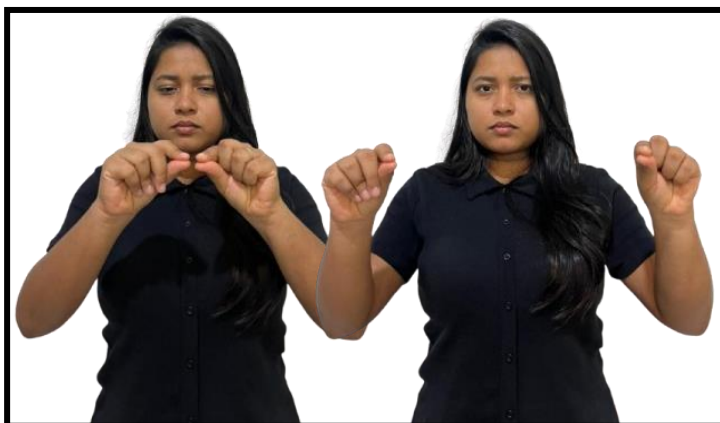


Descrição do sinal: Mãos em “V”, palmas viradas para si. Entrelaçar os dedos, movendo para frente e para trás duas vezes.

Análise: O sinal de *lutar* apresenta através dos dedos, uma representação de contato corporal, que remete ao confronto físico, estabelecendo uma relação visual com a ação representada. Essa correspondência confere ao sinal um caráter icônico.

A iconicidade do sinal decorre da semelhança entre gesto e ação, conforme discutido por Salles (2004). Ainda assim, o valor linguístico do sinal depende da convenção social, conforme Benveniste (1991).

- **Sinal de Medir** – *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, Vol. 2, 2017, p.1813*



Descrição do sinal: Mãos fechadas, palmas para baixo, dedos indicadores e polegares distendidos e unidos, mãos tocando-se pelas pontas dos dedos. Afastar as mãos para os lados opostos.

Análise: O sinal de *medir* reproduz gestualmente o ato de delimitar ou comparar extensões, simulando o uso de instrumentos de medida ou a noção espacial de comparação. Essa representação estabelece uma relação imagética com a ação de medir.

Conforme Carmozine (2012), trata-se de um sinal icônico, pois utiliza referências visuais do significado para se constituir. Ainda assim, conforme Benveniste (1991), o significado do sinal se estabiliza no interior do sistema linguístico da Libras.

- **Sinal de Nascer** – *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, 2017, Vol. 2, p. 1932.*



Descrição do sinal: Mãos verticais abertas, com dedos unidos, palmas viradas para si, apontadas para baixo, tocando a região da barriga. Movê-las para baixo.

Análise: O sinal de *nascer* apresenta um movimento ascendente que remete ao surgimento ou aparecimento de algo, estabelecendo uma relação imagética com o conceito de nascimento. Essa representação visual evidencia a iconicidade do sinal.

A forma do sinal aproxima-se da experiência perceptível do surgimento, configurando um exemplo de iconicidade motora, conforme Carmozine (2012). Ainda assim, o significado se consolida no uso social da língua, conforme Benveniste (1991).

Nos sinais classificados como icônicos, verifica-se uma motivação visual perceptível, em que a configuração das mãos, o movimento e a articulação espacial remetem diretamente ao referente ou à ação representada. Esses sinais exploram a modalidade visual-espacial da Libras para criar representações que evocam, de forma imagética, o conceito do verbo.

A análise dos exemplos selecionados evidencia graus variados de iconicidade: alguns sinais reproduzem com grande fidelidade visual a ação ou objeto (por exemplo, sinais de correr ou escrever), enquanto outros apresentam representações parcialmente motivadas, combinando convenção cultural com traços visuais evocativos.

Esses sinais ilustram como a Libras utiliza a iconicidade não apenas para representar o mundo perceptível, mas também para facilitar a memorização, a aprendizagem e a comunicação, reforçando a riqueza expressiva e a funcionalidade comunicativa da língua.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo compreender de que maneira os princípios da arbitrariedade e da iconicidade do signo linguístico se manifestam na Língua Brasileira de Sinais (Libras), com foco na análise de verbos. A partir da concepção da Libras como uma língua natural de modalidade viso-espacial, dotada de estrutura gramatical própria, buscou-se demonstrar que tais princípios não se configuram como categorias excludentes, mas coexistem e se articulam na constituição dos sinais linguísticos.

Para alcançar esse objetivo, o estudo fundamentou-se no diálogo entre pressupostos da Linguística Geral, especialmente a partir das contribuições de Saussure (2012), Benveniste (1991) e Fiorin (2003), e pesquisas específicas sobre a Libras, como as de Quadros e Karnopp (2004), Gesser (2009) e Brito (1995), entre outros autores. Esse arcabouço teórico permitiu sustentar a compreensão de que, embora a iconicidade seja um recurso expressivo recorrente nas línguas de sinais, o princípio da arbitrariedade permanece constitutivo do signo linguístico, inclusive na modalidade visual-espacial, assegurando a estabilidade e a convencionalidade dos sinais no interior da comunidade linguística.

A análise dos sinais verbais selecionados evidenciou que a categoria dos verbos constitui um domínio particularmente produtivo para a observação da coexistência entre arbitrariedade e iconicidade na Libras. Os dados analisados demonstraram que muitos sinais apresentam graus variados de motivação icônica, expressos por meio da configuração de mão, do movimento, da orientação, do ponto de articulação e do uso do espaço. Contudo, tais traços não anulam o caráter convencional dos sinais, uma vez que a relação entre forma e significado é socialmente estabilizada. Nesse sentido, a adoção da noção de predominância icônica ou arbitrária mostrou-se adequada para a análise, permitindo compreender esses fenômenos como polos de um contínuo, e não como categorias rígidas e opostas.

A utilização de imagens produzidas pela própria pesquisadora, acompanhadas de descrições autorais dos parâmetros linguísticos, revelou-se fundamental para a análise dos dados. A imagem assumiu papel central no processo analítico, ao possibilitar a observação direta da materialidade viso-espacial da Libras e a identificação precisa dos elementos formais que sustentam a interpretação dos sinais. Essa abordagem permitiu articular de maneira consistente a fundamentação teórica com a análise empírica,

evidenciando como os princípios da arbitrariedade e da iconicidade se manifestam concretamente na estrutura dos verbos da Libras.

Ressalta-se que, embora a pesquisa utilize livros ilustrados e dicionários de Libras como fontes de referência para a seleção dos sinais, o objetivo do estudo não é de natureza lexicográfica. As obras consultadas foram empregadas como suporte para a observação e a descrição linguística dos sinais, não se constituindo como objeto de análise em si. O foco da investigação recai, portanto, sobre o funcionamento do signo linguístico na Libras, especialmente no que se refere à relação entre forma e significado.

Os resultados obtidos permitem afirmar que a Libras não pode ser compreendida como um sistema meramente icônico ou gestual, mas como uma língua plena, complexa e estruturada, na qual arbitrariedade e iconicidade atuam de maneira complementar. Essa constatação contribui para o fortalecimento do reconhecimento científico da Libras como língua natural e para o enfrentamento de concepções reducionistas ainda presentes em determinados discursos sobre as línguas de sinais.

Do ponto de vista metodológico, a escolha por um corpus composto por sinais verbais extraídos de materiais de referência, aliados à produção autoral de registros visuais e descrições linguísticas, possibilitou uma análise sistemática e coerente com os objetivos propostos. Reconhece-se, contudo, que o recorte adotado, restrito à categoria verbal e à análise de sinais a partir de registros fotográficos, constitui uma delimitação da pesquisa, abrindo espaço para investigações futuras que contemplem outras classes gramaticais, dados de uso espontâneo da língua, registros audiovisuais contínuos e abordagens discursivas mais amplas.

Como contribuição, este estudo aprofunda a discussão teórica sobre a coexistência entre arbitrariedade e iconicidade na Libras e oferece subsídios descritivos relevantes para o campo da Linguística das Línguas de Sinais. Espera-se que os resultados aqui apresentados possam contribuir para a formação de pesquisadores, professores e intérpretes, bem como incentivar novas pesquisas que ampliem a compreensão da estrutura linguística da Libras e de seus processos de significação.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Língua, linguagem e linguística: pondo os pingos nos ii**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. 3. ed. Campinas: Pontes, 1991.
- BRITO, Lucinda Ferreira. **Por uma gramática de língua sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.
- CARMOZINE, Michelle M. **Surdez e Libras: conhecimento em suas mãos**. São Paulo: Hub Editorial, 2012.
- CAPOVILLA, Fernando César. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas mãos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.
- DUBOIS, Jean. **Dicionário de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2014.
- FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à Linguística II: princípios de análise**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- FRIZANCO, Mary Lopes Esteves; HONORA, Márcia. **Livro ilustrado de língua brasileira de sinais**. Vol. 1. Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2021.
- GESSER, Audrei. **Libras?: que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e a realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. 2. ed., 7. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.
- QUADROS, Ronice Müller; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- SALLES, Heloísa Maria Moreira Lima; FAULSTICH, Enilde; CARVALHO, Orlene Lúcia; RAMOS, Ana Adelina Lopo (org.). **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2004.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução: Antônio Cheline, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.
- STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 3. ed. rev. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.